

# BOLETÍN DE LA INSTITUCIÓN LIBRE DE ENSEÑANZA

PERTENECE A LA BIBLIOTECA DE  
ATENEA BARCELONA

La INSTITUCIÓN LIBRE DE ENSEÑANZA es completamente ajena á todo espíritu é interés de comunión religiosa, escuela filosófica ó partido político; proclamando tan sólo el principio de la libertad é inviolabilidad de la ciencia y de la consiguiente independencia de su indagación y exposición respecto de cualquiera otra autoridad que la de la propia conciencia del Profesor, único responsable de sus doctrinas.—(Art. 15 de los *Estatutos*.)

Hotel de la *Institución*.—Paseo del Obelisco, 8.

El BOLETÍN, órgano oficial de la *Institución*, publicación científica, literaria, pedagógica y de cultura general, es la más barata de las españolas, y aspira á ser la más variada.—Suscripción anual: para el público, 10 pesetas; para los accionistas y maestros, 5.—Extranjero y América, 20.—Número suelto, 1.—Se publica una vez al mes.

Pago, en libranzas de fácil cobro. Si la *Institución* gira á los suscritores, recarga una peseta al importe de la suscripción.—Véase siempre la *Correspondencia*.

AÑO XXVIII.

MADRID, 31 DE JULIO DE 1904.

NÚM. 532.

## SUMARIO

### PEDAGOGÍA

O plano da instrução geral na Roma antiga, por el *Dr. F. A. Coelho*.—Sobre la enseñanza de la historia en la *Institución*, por *D. M. B. Cossío*. Los anales de la Universidad de Oviedo de 1902 á 1903, por *X.*—Revista de revistas, por *D. J. Ontañón* y *D. D. Barnés*.—Sumarios de revistas pedagógicas.

### ENCICLOPEDIA

Nota sobre la Geología de la provincia de Santander, por *D. Augusto G. de Linares*.—Lecturas de Homero, por *D. Rafael Altamira*.

### INSTITUCIÓN

Libros recibidos.

## PEDAGOGÍA

### O PLANO DA INSTRUÇÃO GERAL NA ROMA ANTIGA (1)

por el *Prof. hon. Dr. F. A. Coelho*,

Catedrático del Curso superior de Letras de Lisboa.

### BIBLIOGRAPHIA

Parte das obras citadas no artigo *O plano da instrução geral na Grecia antiga* (2), e, além dessas, principalmente as seguintes:

*Handbuch der klassischen Altertumswissenschaft*, herausgegeben von Iwein Müller, Band IV: Moritz Voigt, *Römische Privataltertümer*; Band VIII: M. Schanz: *Geschichte der römischen Literatur*.

*Handbuch der römischen Altertümer*, begonnen von Wilhelm Adolf Becker, fortgesetzt von Joachim Marquardt. V. Theil: *Römische Privataltertümer*. Leipzig, 1864. Bd. I, S. 80-139.

(1) Véase el núm. 2 de 1904 de *O Instituto*.

(2) Vid. *O Instituto*, tom. I (1903), página 641-655.

Fr. August Eckstein, *Lateinischer und griechischer Unterricht*. Herausgegeben von Heinrich Heyden. Leipzig, 1887.

W. S. Teuffel, *Geschichte der römische Literatur*. Dritte Auflage. Leipzig, 1875.

Eduard Norden, *Die antike Kunstprosa von VI. Jahrhundert v. Chr. bis in die Zeit der Renaissance*. Leipzig, 1899.

Ludwig Friedlaender, *Darstellungen aus der Sittengeschichte Roms in der Zeit von August bis zum Ausgang der Antonine*. 3 vols. Dritte Auflage. Leipzig, 1869-71.

Gaston Boissier, *La religion romaine d'Auguste aux Antonins*. 2 vols. Paris, 1874.

Idem, *La fin du paganisme*, 2<sup>e</sup> ed., 2 vol. Paris, 1894 (principalmente: *L'instruction publique dans l'empire romain*, I, 145-197).

Victor Duruy, *Histoire des Romains depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours*, 7 vol. Paris, 1881-84 (I).

1. A erudição histórica provou que os gregos receberam importantes elementos de cultura dos povos seus vizinhos, particularmente dos semitas e egypcios; mas esses elementos foram convertidos em bem proprio, assimilados ao espirito nacional. Pelo lado da religião, em que essas influencias foram numerosas, cita-se como exemplo typico o que o povo hellenico fez da Astarte semitica na sua tão grega Aphrodita. O systema de educação da Grecia antiga nasceu e desenvolveu-se no proprio solo (em-bora materiaes da *paideia* fossem recebidos de fóra), em perfeita conformidade com o

(1) Esta bibliographia comprehende exclusivamente obras de que me servi.



genio do povo, e a sua decadencia foi sobretudo um resultado do proprio desenvolvimento interno desse povo, ainda que suscitado por condições em parte externas. Os gregos, em summa, foram auto educadores, que por si proprios se elevaram a um ponto culminante de cultura.

Passando á Roma antiga, achamo-nos em presença dum phenomeno historico muito diverso. Desde cedo são communicados aos romanos numerosos elementos de civilização e cultura pelos povos que os rodeiam—gregos, umbros, etruscos, etc. A propria organização de Servio Tullio funda-se sobre as legislações hellenicis. Até ao vi seculo da cidade tem esta um systema de educação muito simples, acomodado ao seu espirito, ás suas necessidades, sem duvida, mas que não podia bastar para que ella realizasse o seu futuro papel historico. Então intervem o phenomeno, de muitos aspectos interessante, da introdução do systema educativo grego na formidavel republica. A historia da educação romana divide-se por isso em dois periodos muito distinctos—o primeiro, o da velha educação, até que começa a generalizar-se a influencia do systema educativo dos gregos, e o segundo desde então até á queda do paganismo. O segundo periodo divide-se em dois subperiodos—o primeiro dos quaes vai até ao fim da republica, o segundo comprehende o tempo do imperio até á introdução do christianismo como religião do Estado (325). Este ultimo limite tem apenas valor relativo.

O systema de educação greco-romano irradiou, pela influencia da conquista romana, para todos os vastos territorios que constituíram o imperio do occidente. Povos d'estirpes mais ou menos distinctas—italicos, ligures, illyrios, tyrrhenos, celtas, iberos, libyos, carthagineses (origem phenicia)—foram assim submettidos a um mesmo regimen educativo, apenas com variantes secundarias, regimen que havia de ser base da educação futura de todos esses povos, excepto os africanos, assim como dos povos germanicos e slavos, combinando-se com o christianismo.

2. Ao romano antigo faltava aquella constituição eminentemente esthetica e

aquelle «desejo natural de saber», alludido por Aristoteles no começo da sua *Metaphysica*, os quaes fizeram do grego, dum lado, o creador artistico por excellencia, doutro, o verdadeiro fundador da sciencia e da philosophia. Pobreza no dominio das coisas que suscitam a intelligencia e estimulam o sentimento; energia da vontade dominada por motivos muito simples— a virtude estreitamente concebida (movendo-se sobretudo no circulo do civismo), a utilidade (tambem principalmente publica) considerada pelos aspectos immediatos e por assim dizer tangiveis—, a dureza d'alma, que se manifesta, por exemplo, nas Leis das doze Taboas, e mais tarde no gosto pelos Jogos circenses— eis as qualidades caracteristicas do romano, que só a influencia da cultura grega havia de modificar em parte. O grego tinha uma independencia pessoal que não encontramos no romano, muito absorvido pelo egoismo do Estado.

Os proprios escriptores romanos caracterizam bem o povo a que pertenciam, pelos lados favoraveis, naturalmente. Cicero menciona as virtudes distinctivas do romano: «gravitas, constantia, magnitudo animi, probitas, fides (1)». A verdade é que a historia mostra que essa *fides* estava sujeita a vergonhosos eclipses, de que aliás só terá a coragem de censurar os romanos quem esqueça a historia politica e diplomatica dos nossos tempos. «Maiores nostros, diz ainda o mesmo auctor, semper in pace consuetudini, in bello utilitati paruisse (2)». O lado pratico-utilitario e ethico-tradicional apparece aqui no primeiro plano. «Nostri, escreve Plinio (3), omnium utilitatum et virtutum rapacissimi». E Tacito justifica a educação oratoria pela clausula: «si ad utilitatem vitae omnia consilia factaque nostra dirigenda sunt (4)». Nada havia mais bello aos olhos dos romanos que trabalhar pela utilidade, pela salvação da republica (5).

(1) Cicero, *Tuscul*, 1, 1, 2.

(2) Idem, *De imperio Cn Pompei*, 20, 60.

(3) Plinio, *Natural. Historia*, xxv, 2.

(4) Tacito, *Dialog. de oratoribus*, 5.

(5) Vide ás palavras que Cornelio Nepos attribue a Cornelia no *Fragm.* 16 em Hermann Peter, *Historicorum Romanorum Fragmenta* (Leipzig, 1883), p. 222.



Lucilio introduziu na sua definição da virtude, conforme ao velho espirito do seu povo:

Commoda praeterea patriai prima putare,  
Deinde parentum, tertia iam postremaque nostra.

Das condições indicadas do espirito do povo do Lacio decorreram o caracter seco, abstracto, formalistico da sua religião, a ausencia, durante seculos, duma verdadeira litteratura e de toda a tentativa scientifica ou philosophica propriamente dita, o desenvolvimento do direito e da moral pratica e as feições da antiga educação nacional. A politica, a administração publica, a milicia, o culto, a economia domestica com a agricultura, foram longo tempo as occupações do patricio.

O primeiro systema de educação romana não podia pois ter outros fins que não fossem os ethico-utilitarios, nos circulos do Estado e da familia (1).

3. A ethnographia e a historia mostram-nos que por toda parte onde ha homens apparecem pelo menos rudimentos d'arte: o canto, a dança, geralmente unidos no começo, a ornamentica, contos, lendas, proverbios. Os romanos não constituem excepção. Já anteriormente ao meado do III seculo antes da nossa era, em que a influencia litteraria da Grecia se fixa em Roma, tinham elles rudimentos duma musica vocal e instrumental, e certos elementos litterarios. Mencionaremos entre os ultimos:

1) Fórmulas dum theatro popular, como as Atellanas, os versos Fescennimos, o Mimo, as Saturas;

(1) Muitos auctores têm-se occupado do caracter do povo romano, concordando em geral nos pontos fundamentaes. O mais recente dos que conheço o philosopho francês Alfred Fouillée consagrou ao assumpto um capitulo da sua obra interessante *Esquisse psychologique des peuples européens* (Paris, 1903, pp. 47-63). Póde dizer-se que nesta materia, como em tantas outras, o que ha de bom está já dito. A leitura do referido capitulo, como de todos os outros daquelle obra, recommenda-se, tendo a precaução de pôr de lado, entre outras coisas, varias asserções anthropologicas e ethnogenicas do auctor.

Num outro estudo examinarei detidamente o conceito da educação utilitaria, contentando-me aqui com a referencia á fórmula vulgar e vaga desse conceito.

2) Formulas rythmadas — liturgicas e magicas;

3) Cantos, de fórmula lyrica, de trabalho, de berço, de jogos infantis, de zombaria;

4) Primordios do genero gnomico, como proverbios, sentenças, por exemplo, as de Appio Claudio;

5) Leis com fórmula rythmada: «lex horrendi carminis» (1);

6) Materiaes para a historia, como os *Libri pontificum*, os *Fasti* diversos, os *Annales*, os *Libri magistratum*, os *Commentarii magistratum*, os *Monumenta privata*, em regra simples listas de nomes, de datas, de factos diversos, ordenados no interesse do Estado e das familias;

7) Elogios de defuntos recentes ou de antepassados mais ou menos remotos, já em prosa (laudationes, orationes funebres), já em verso [neniae, ad memoriam virtutis carmina (2), ὕμνοι πατρίοι (3)], que se ligam aos *Monumenta privata*;

8) Oratoria, que pelas condições politicas e juridicas do povo do Lacio não podia deixar de haver nelle, primeiro numa fórmula simples, espontanea, que passou depois a auxiliar-se da escripta (diz-se que a partir de Appio Claudio), e a tornar-se mais ou menos reflectida.

Todas essas formas primitivas estavam em harmonia com o espirito romano; ás rythmadas faltava todo alento poetico; tinham todas feição practico-utilitaria; não eram porém já estranhas a influencias doutros povos, que se manifestavam, por exemplo, na musica vocal e instrumental. A comedia, que, ao primeiro aspecto, pareceria opposta á *gravitas* romana, não era na realidade mais que um aspecto popular da feição ethica daquelle espirito, que buscava na zombaria, no riso castigador dos vicios (castigat ridendo mores, dirá mais tarde o poeta satirico) um derivativo da rigidez usual. A satira, dramatica primeiramente, converteu-se depois em poema moral, cultivado já no segundo seculo antes de Christo por um homem da classe dos cavalleiros, C. Lucilio, e

(1) Tito Livio, I, 24. 26.

(2) Tacito, *Dialog. de oratoribus*.

(3) Fabio Pictor. Vid. pag. seguinte.



mais tarde por Horacio, Persio e Juvenal. Não faltavam razões para Quintiliano dizer dum genero tão característico do povo do Lacio: «Satira tota nostra est», apesar do que essa asseveração foi objecto de muitas contestações (1).

Uma das formas referidas pede noticia especial: refiro-me aos cantos de louvor dos antepassados.

O mais antigo historiador romano, Fabio Pictor, que aliás escreveu em grego, referia-se aos hymnos nacionaes (ὕμνοι πατρίοι) cantados no seu tempo (pela segunda metade do seculo III antes da nossa era) e especialmente a um passo relativo a Romulo e Remo (2). Num passo de Varrão, citado por Nonio Marcello (3) lê se: «in conviviis pueri modesti ut cantaret carmina antiqua in quibus eram laudes majorum». Esses cantos antigos, em louvor dos antepassados, entoados nos banquetes pelas creanças nombres eram sem duvida os «hymnos nacionaes» de que fallou Fabio Pictor. Mas Cicero, citando Catão, diz que esses cantos conviviaes eram cantados por todos os convivas: «Atque utinam exstant illa carmina, quae multis saeculis ante suam aetatem in epulis esse cantitata a singulis convivis de clarorum virorum laudibus in Originibus scriptum reliquit Cato (4)». E noutro lugar, citando tambem Catão, diz que era, segundo este, costume dos maiores que os convivas nos banquetes cantassem ao som da tibia os louvores e virtudes dos varões illustres: «Gravissimus auctor in Originibus

dixit Cato morem apud maiores hunc epularum fuisse ut deinceps qui accubarent canerent ad tibiam clarorum virorum laudes atque virtutes (1)». Valerio Maximo, combinando talvez esses passos, concluiu que se entoavam os cantos alludidos com um fim pedagogico: «Majores natu in conviviis ad tibias egregia superiorum opera carmina comprehensa pangebant, quo ad ea imitanda juventutem alacriorem redderent (2)».

Os cantos conviviaes—que Niebuhr pretendeu, sem fundamento, identificar ás *nenias*, cantos de carpideiras, tidos em nenhuma conta,—desappareceram cedo, como Cicero indica; nem um vestigio sequer delles chegou até nós, a não ser em uns versos de Ennio, relativos a Romulo, se não erra a conjectura de H. de la Ville de Mirmont (3). Ha muito que foi abandonada a hypothese de Niebuhr, inspirada pelos «hymnos patrios», da existencia duma epopea patricia romana.

A verdade é que não houve em Roma poetas instituidores do povo, como foram na Grecia os poetas homericos e hesiodicos, depois os lyricos, elegiacos e dramaticos—refiro-me ao periodo anterior á imitação da litteratura grega.

Não escasseiam os testemunhos directos do menosprezo em que longo tempo os romanos tiveram as letras e em geral as bellas artes, e da inferioridade destes na cultura geral do espirito.

Cicero diz, com relação aos antigos tempos: «doctrina Graecia nos et omni litterarum genere superabat (4)». Num outro lugar em que o grande orador romano se refere tambem aos «cantos conviviaes», escreve que só tarde foram os poetas conhecidos ou acolhidos pelos romanos; postoque Catão menciona nas *Origens* que havia o costume dos convivas cantarem nos banquetes, ao som da tibia, as virtudes dos homens illustres, não se concediam honras á poesia, como se vê do discurso do mesmo Catão, em que exproba a M. Nobilior (consul em

(1) Sobre a *satura*, vide, entre os estudos mais recentes, Gaston Boissier, *Satura tota nostra est* em *Annuaire de l'École pratique des hautes études. — Section des sciences historiques et philologiques*, 1895, e H. de la Ville de Mirmont, *Études sur l'ancienne Poésie latine* (Paris, 1903), pp. 349-58. O *italum acetum* de que falla Horacio, *Satir.* 1, 7, 32, o esperito maledicente de Roma, *maledica civitas*, a que allude Cicero. *pro Caes.* 16, 38, as alcunhas que se tornaram nomes de familia como *Cicero*, *Naso*, os versos de escarneo usados nos triumphos mostram, entre outras coisas, quão profundamente arraigadas estavam em a natureza do romano as tendencias que se manifestam na comedia e na satira. Vid. algumas observações sobre a ligação do serio e do comico nos mesmos individuos, em *L'année psychologique*, ix (Paris, 1903), pag. 406.

(2) Hermann Peter, *Historicorum Romanorum Fragmenta* (Leipzig, 1883), p. 11 (de Dionysio d'Halicarnasso, 1, 79).

(3) Nonio Marcello, II, 70.

(4) Cicero, *Brutus*, XIX, 75.

(1) Cicero, *Tuscul.* IV, II, 3.

(2) Valerio Maximo, I, 1, 10.

(3) H. de la Ville de Mirmont, *La «Nenia»*, obr. cit.

(4) Cicero, *Tuscul.* I, I, 3.



188) ter levado poetas para a provincia; sabia-se que elle de facto levava o poeta Ennio para a Etolia: «Sero igitur a nostris poetae vel cogniti vel recepti. Quamquam est in Originibus solitos esse in epulis canere convivias ad tibicen de clarorum hominum virtutibus, honorem tamen huic generi non fuisse declarat oratio Catonis, in qua objecit ut probum M. Nobiliori, quod is in provinciam poetas duxisset; duxerat autem consul ille in Aetoliam, ut scimus, Ennium (1)».

Aulu Gellio communica um excerpto do livro do mesmo Catão (234-149 a. Chr.) intitulado *Carmen de moribus*, em que o velho romano falla do desprezo em que fôra tida a poesia e os que a cultivavam ou recitavam versos nos banquetes, e eram classificados de *parasitas*: «Poeticae artis honos non erat. Si qui in ea re studebat, aut sese ad convivia applicabat, grassator vocabatur (2)». Aos olhos dos velhos romanos não pareciam honestas as «artes ludricas», como, por opposição, insinua Tacito: «in Graecia, ubi ludricas quoque artes exercere honestum est» (3). Cato não julgava que o canto fosse proprio de homens serios: «Cato cui etiam cantare non serii hominis videtur» (4).

Ainda Cicero classifica todas as occupaões que não teem objecto pratico immediato, de *artes leviores* (5), *mediocres* (6), *studia leviora* (7), *minora* (8).

Suetonio falla da falta de cultura de estudos litterarios antigamente em Roma, resultado do espirito rude e bellicoso da cidade; e dos modestos principios desses estudos, que partiram de individuos instruidos nas lettras gregas: «Grammatica Romae ne in usu quidem olim, nedum in honore nullo erat, rudi silicet ac bellicosa etiam tum civitate, necdum magnopere liberalibus disciplinis vacante. Initium quaque eius mediocre extitit, siquidem antiquissimi doctorum, qui iidem et poetae et semigraeci erant (Livium et Ennium dico, quos utraque lingua domi-

forisque docuisse adnotatum es) nihil amplius quam Graecos interpretabantur, aut si quid ipsi Latini composuissent praelegebant (1)». Como se verá mais abaixo, Suetonio apresenta como o verdadeiro introductor dos estudos grammaticae em Roma o grega Crates de Mallos.

A velha educação romana não podia pois ter por base a musica e a poesia como a velha educação grega tivera.

4. Aos romanos não deviam ser estranhos os exercicios corporaes que encontramos mais ou menos em toda a parte onde ha homens, exercicios que conheciam, per exemplo, os celtas, os iberos, os germanos, e que na Grecia tiveram uma organização por assim dizer canonica, vindo a constituir um lado fundamental da educação, da *παιδεία*. As creanças romanas tiveram seus jogos de movimento, os romanos adultos os seus esportes; mas o unico systema de gymnastica que se constituiu de modo normal no povo do Lacio foi a gymnastica militar, que veiu a ser descripta na epoca da decadencia do imperio por Vegetio, no seu *Epitoma rei militaris*, obra baseada em livros anteriores. Todos os outros exercicios corporaes, embora mais ou menos practicados, não o eram regularmente, e não se escolheu delles um grupo que constituísse parte obrigada da educação, isto não só nos antigos tempos, mas ainda depois da implantação (incompleta) da *παιδεία* grega em Roma. Nos antigos tempos os filhos recebiam nas familias, pelo menos nalgumas, uma certa preparação para a gymnastica militar (2).

5. Cicero, referindo-se á antiga educação, aponta o character incerto, vario, privado, della; a falta de disposições legislativas a respeito da mesma e lembra a critica do historiador Polybio, que nessa materia accusou os romanos de negligencia: «Principio disciplinam puerilem ingenuis, de qua Graeci multum frustra laborarunt et in qua una Polybius noster hospes nostrorum institutorum negligentiam accusat, nullumc

(1) Cicero, *Tuscul*, I, 2, 3.

(2) Aulu Gellio, XI, 2, 5.

(3) Tacito, *Dialog. de oratoribus*, 5.

(4) Macrobio, *Sat.*, III, 14, 10.

(5) Cicero, *Brutus*, I, 3.

(6) Idem, *de oratore*, I, 2, 6.

(7) Idem, *ibid.*, I, 49, 212.

(8) Idem, *Brutus*, 18, 70.

(1) Suetonio, *de Grammaticis*, I. Mais abaixo fallarei do papel de mestre attribuido nesse passo a Livio Andronico.

(2) Da gymnastica romana occupo-me noutro estudo.



ertum aut destinatum legibus aut publice expositum, aut unam omnium esse voluerunt (1)».

Essa educação começou por ser domestica, familiar (2). As mães criavam os seus filhos, dirigiam-lhe muitas vezes a educação em que os paes tomavam tambem parte mais ou menos consideravel. Primeiramente, diz Tacito, todos os filhos, nascidos de mães virtuosas, não eram criados na cella duma ama mercenaria, mas no seio (gremio as ninu) das suas mães, cuja principal gloria consistia em governar a casa e cuidar dos filhos. Escolhia-se sempre alguma parente proxima, de idade madura, a cujos costumes experimentados se confiava toda a familia nova, e deante da qual ninguem se atreveria a dizer alguma coisa que offendesse os ouvidos, ou praticar algum acto contra a honestidade. Temperava ella pela santidade e pejo os exercicios e trabalhos, do mesmo modo que os recreios e jogos das creanças. Assim sabemos que Cornelia, á mãe dos Gracchos, Aurelia, a mãe de Cesar, Acia, a mãe de Augusto, presidiram a educação dos seus filhos, de que fizeram os homens mais importantes do seu tempo (3). Essa educação chegou até aos ultimos tempos da republica; combinando-se por fim com os novos ensinamentos vindos da Grecia. Scipião apresenta-se em Cicero «ut unum e togatis, patris diligentia non illiberaliter institutum—usu tamen et domesticis praeceptis multo magis eruditus quam litteris (4).»

O exemplo tinha uma grande parte nessa educação: Juvenal, quando esta se achava em ruina, pôs em evidencia a força daquelle numa de suas satiras, em que enuncia o bello preceito:

Maxima debetur puero reverentia.

(1) Cicero, *de republica*, IV, 3, 3.

(2) Vide o meu artigo *A distribuição do ensino e a seleção social*, em *O Instituto*, tom. XLVIII (1901) página 349.

(3) Tacito, *Dialog. de oratoribus*, 28.

(4) Cicero, *de republica*, I, 22, 26. Outros passos ha dos antigos escriptores que interessam a historia dessa educação domestica e pratica, como Cato em Festo, p. 218, 2.<sup>a</sup> ed. O Müller; Cicero, *de republ.*, II, 21, 37; Catullo, 61, 216; Tacito, *Agric.*, 4; Plinio, *Epist.*, III, 3, 3; cfr. IV, 19, 6; VII, 24, 3; Plutarcho, *Aem. Paul.*, 6; *Sertorio*, 2.

Era muito simples em verdade o quadro dos meios da velha educação romana, como podia suppôr-se já do que sabemos do estado da cultura litteraria.

As filhas aprendiam a fiar, a tecer, e talvez a bordar, com a mãe, ao que se juntou mais tarde, sem duvida não geralmente, o conhecimento da leitura e escrita.

Os filhos aprendiam praticamente com os paes a agricultura, occupação que os patricios julgavam nobre, emquanto desprezavam os outros trabalhos manuaes, a cargo dos escravos: lavravam, semeavam, ceifavam, etc. Pelos paes eram ensinados a nadar, a andar a cavallo, a lutar braço a braço, a fazer o primeiro uso das armas—exercicios preparatorios para a vida militar. Pelos mesmos eram iniciados no conhecimento das leis, transmittido primeiramente, segundo toda a apparencia, sem o auxilio da escrita.

A isso juntou-se o ensino da leitura, da escrita, das contas, com o auxilio dos velhos signaes italicos (I, V, X, etc., e suas combinações).

Aprendiam tambem as creanças os cantos conviviaes ou hymnos patrios? Os textos acima citados não o permitem affirmar com plena segurança.

A lingua latina: que os romanos nunca chamaram «lingua materna», mas sim «sermo patrius», e, so desde o primeiro seculo da nossa era, «Romana lingua», por opposição as das outras nações, era naturalmente aprendida sobretudo da boca da mãe, da da nutrix e pelo commercio com os outros membros da familia e com os vizinhos. A mãe de boa familia era considerada como a mestra por excellencia da lingua.

Cicero nota que as mulheres conservavam mais inalterada a tradição da lingua, o bom uso della, afastado da aspereza rustica e do barbarismo: «Quare cum sit quaedam certa vox Romani generis urbisque propria, in qua nihil offendi, nihil displicere, nihil animadverti possit, nihil sonare aut olere peregrinum, hanc secumur neque solo rusticam asperitatem, sed etiam peregrinam insolentiam fugere discamus. Equidem cum audio socrum meam Laeliam (facilius enim mulieres incorruptam antiquitatem conservant, quod multorum sermonis expertes ea



tenent semper, quae prima didicerunt), sed eam sic audio, ut Plautum mihi aut Naeivium videar audire (1)».

O mesmo auctor, noutra obra, observa que a elocução correctá e latina, até ao seu tempo, não fôra tanto producto o producto de ensino e investigação methodica como do bon uso: «Solum quidem, et quasi fundamentum oratoris vides, locutionem emendatam et latinam, cuius penes quos laus adhuc fuit, non fuit rationis aut scientiae, sed quasi bonae consuetudinis (2)».

Pelo que atrás de disse, vê-se que até ao fim do primeiro periodo da historia da educação romana muito pouco haveria que ler, e esse pouco reduzia-se a coisas de interesse pratico. Entre essas coisas havia certamente as leis das Doze Taboas que os rapazes decoravam, como «canto necessario», ó que caíra em desuso no tempo de Cicero: «Discebamus enim pueri XII, ut carmen necessarium, quas jam nemo discit (3)».

Este mesmo auctor falla tambem das que chama «leis das leis», não tão velhas como as das Doze Taboas e as Leis sagradas, mas em lingua mais antiga que a do seu tempo; e, como conjectura Marquardt, talvez pudessem logares dellas ser aproveitados no ensino infantil, como entenos o catechismo (1).

Desse circulo tão estreito de instrução saíam sem duvida alguns filhos pela diligencia dos paes. Catão que educou o seu filho á antiga e o ensinou a ler, escreveu uma obra de character encyclopedico para uso delle, á qual convinha o titulo de *Praecepta ad filium*, que não sabemos todavia se era o que lhe deu o auctor. Continha esa obra perdida preceptos relativos á agricultura, á hygiene, á oratoria, á guerra e talvez á practica da jurisprudencia. Nesses preceitos havia sentenças que mais tarde foram muitas vezes citadas como: «Rem tene, verba sequentur»; «Nihil agendo homines male agere discunt», e que ainda hoje têm valor (2).

(1) Cicero, *de oratore*, III, 12, 45-46. Cfr. Idem, *Brutus*, § 8, 211; Quintiliano, I, 1, 6

(2) Idem, *Brutus*, 74, 258. Cfr. Idem, *de re publica*, I, 22.

(3) Idem, *de legibus*, II, 23.

(4) Idem, *ibid.*, 8 e 9.

(5) Teuffel, § 121.

Catão foi o primeiro encyclopedista romano e um encyclopedista perfeitamente no espirito utilitario e practico do povo a que pertencia, e escreveu tambem para uso do filho, em letras grandes, um livro de historia (1).

A instrução romana do primeiro periodo na sua forma mais completa, para as creanças do sexo masculino, não excedia portanto o seguinte quadro:

1. Instrução moral pelo exemplo e pelo preceito.
2. Leitura, escrita.
3. Calculo numerico elementar.
4. Exercicios corporaes preparatorios para a milicia.
5. Conhecimento das Doze Taboas e doutras leis.
6. Practica da agricultura, da economia domestica.
7. Preceitos relativos á hygiene.
8. Preceitos relativos á arte da guerra.
9. Noções de historia patria.
10. Cantos nacionaes (?).
11. Preceitos relativos á eloquencia.

Antes de Catão, o programma fôra sem duvida muito mais reduzido do que o que elle estabeleceu para o seu filho, e dentro dos limites da antiga educação, provavelmente poucos foram os rapazes que percorreram o ultimo ou outro analogo.

6. Roma foi forte e prospera com o systema educativo de que busquei dar ideia succinta; mas tambem a Grecia foi grande com un systema educativo muito profundamente diverso no seu teor geral. Cada um desses systemas se apresenta com as feições characteristics de povo que o produciu no seu periodo de primeiro desenvolvimento, como aliás não podia deixar de ser. Mas emquanto o grego, no seu desenvolvimento mental chega por si a concepções que destroem as bases originaes de sua vida, e alteram portanto, sob varios aspectos, o seu character nacional o romano modifica-se sob a acção duma corrente que chega de fóra, que vem da Grecia, e que era tão opposta ao genio do povo do Lacio.

Se é perfeitamente verdadeiro em geral

(1) Plutarcho, *Cato M.*, 20.



que a educação dum povo espelha as condições da vida do seu espirito e o seu caracter, tambem é perfeitamente verdadeiro que essas condições e esse caracter são susceptiveis de se modificar mais ou menos fundamentalmente, por causas de natureza muito variada, e essa educação de experimentar modificações correspondentes. A Grecia e Roma apresentam-nos—vê-se—exemplos frisantissimos de tal phenomeno.

O alargamento do programma da instrução juvenil, feito ao que parece por Catão, representava ainda innovação apenas superficial. «Quando, diz Marquardt, a partir de cerca do tempo da segunda guerra punica, primeiro nalgumas familias, depois de cada vez mais geralmente, aos antigos objectos elementares de ensino, se juntou o ensino do *grammaticus* ou *litteratus*, isto e, do mestre grego de lingua, deu-se então muito mais que o simples alargamento do circulo, até ahí tão estreito, de objectos de instrução escolar a introdução dum principio pedagogico inteiramente novo, que em vez da indispensavel preparação para a vida pratica tinha por base os fins ideaes da educação dos gregos».

Deve-se observar, todavia, que não se introduzia em Roma o systema de educação grega naquella antiga fórma que louvava Aristophanes, mas sim esse systema como se tinha modificado na decadencia, depois que se lhe infiltrara a influencia dos sophistas, com as tendencias destes utilitarios, e quando assim estava mais proximo do espirito dos romanos, que, do seu lado, não podiam tambem deixar de lhe imprimir novas modificações, de accordo com as suas tendencias peculiares. A influencia hellenica foi, apesar dessas restricções, muito profunda.

7. O programma catoniano da instrução faz lembrar o da nossa instrução primaria, nas suas inscrições. A ultima comprehende o ensino da leitura, da escripta, das contas, noções de grammatica (em sentido estricto moderno, sem explicações dos textos), de historia patria e de chorographia, de geometria e desenho, de sciencias naturaes, de agricultura pratica (aliás decoradas dum livrinho, porque o mestre primario não ensina a agricultura, como facia o pae

romano), de moral e doutrina christã (o catechismo catholico), de civismo (entre os romanos—conhecimento das leis).

Para maior semelhança, houve já nas escolas municipaes de Lisboa (e ha em varios asylos) exercicios militares, e no programma geral include-se gymnastica, em que o momento principal é «a adaptação dos alumnos aos exercicios gymnasticos, e á escola do soldado sem arma».

Esse parallelismo explica-se pelas condições inherentes ao ensino elementar, e pelo espirito verdadeiramente utilitario que dominava os romanos e o pseudo-utilitario que domina entre nós e se encontra noutros paises da Europa, com maior ou menor extensão. Entre os romanos aquelle ensino era mais pratico, entre nós mais livresco (apesar da divisa do *essencialmente pratico*, que se repete á boca cheia e em letra redonda). A educação domestica, escolar e social (em sentido lato) que entre os romanos fazia almas energicas e patrioticas, só produz, em regra, entre nós, almas frouxas, servís, de balofo patriotismo ou despidas até de toda apparencia de patriotismo, como coisa rançosa. Com meios didacticos aparentemente iguaes ou muito semelhantes, podem produzir-se resultados muito diversos: a questão está no *espirito* que dirige o seu emprego.

Se ao programma primario, simplesmente dilatado mais ou menos, juntarmos linguas modernas, e estudos especiaes preparatorios para varias carreiras (commercio, industria, etc.), teremos a instrução secundaria por que suspiram os utilitarios do nosso tempo.

8. A educação romana no primeiro periodo não foi sempre exclusivamente domestica. As tradições relativas a escolas em Gabios, no tempo lendario de Romulo e Remo (1), ainda a escola onde ia Virginia, a victima de Appio Claudio (449 antes de Christo) (2), não se apoiam em dado serio, são apenas, segundo toda a apparencia, ornatos de narração.

Tito Livio falla tambem dum mestre de

(1) Plutarcho, *Rom.*, 6.

(2) Tito Livio, III, 44; Dionys. Halicarn., XI, 28. Referi-me já a essas tradções em *O Instituto*, tom. XLVIII (1901), pag. 489-490.



meninos, de Falerios, que levava os seus discipulos, filhos dos principaes da terra, a passeio, quando Camillo acampava ante essa cidade (394 antes de Christo), e os conduziu por fim ao arraial do inimigo (1), e conta ainda que quando o mesmo Camillo entrou em Tusculo, cidade de intenções hostis, os cidadãos se achavam em disposições ordinarias; nas escolas resoavam as vozes dos alumnos, a soletrar, a ler ou a declamar (2). Estas noticias, representam, sem duvida, apenas uma transplantação para o passado, como ornamento historico, de coisas do tempo do historiador, pelo mesmo processo por que uma biographia de Homero, falsamente attribuida a Herodoto, faz do Phemio da Odyssea e do proprio Homero mestre-escolas pelo feitio dos do imperio romano; mas apesar disso foram muitas vezes tomadas a serio e serviram até de base para se suppôr uma origem etrusca ao ensino primario de Roma.

Plutarcho refere que o primeiro que em Roma abriu uma escola de grammatica (γραμματοδιδασκαλεῖον), como alguns traduzem, foi Spurio Carvilio, liberto de Carvilio, o primeiro que se divorciou (3). Como porém, um testemunho que ha de ser citado noutro ponto deste artigo, attribue a personagem diversa a introduccção do ensino grammatical (literario) propriamente em Roma, parece dever concluir-se que Spurio Carvilio teria aberto escola de ensino elementar, primario. Esse Carvilio é tambem mencionado como reformador do alphabeto romano. Aquelle divorcio (voluntario) ter-se ia dado entre o anno 335 e o 230 antes da nossa era (4). A escola de Carvilio poderia ter sido fundada annos antes do referido divorcio.

A palavra latina que significa o que exprimimos por *escola primaria* é *ludus*. Não conheço texto em que ella figure nesse sentido anterior a Plauto, que nasceu cerca de 254 e morreu em 184 antes da era christã, e se suppõe escrevesse as suas peças pelo fim do III seculo e começo do II.

Num passo diz esse comico que se o galante fosse a escola já saberia talvez ler bem:

Curculus si in ludum ire potuisset,  
Jam fieri ut probe literas sciret (1).

Os exemplos posteriores do emprego de *ludus* no sentido de escola são muito numerosos. Assim, Cicero allude a Dionysio o Moço, tyranno de Syracusa, que depois da sua expulsão dessa cidade abriu escola em Corintho, e compara a essa posição aquella em que elle ficaria deixando de dominar no fôro: «ut Dionysius tyrannus, quum Syracusis expulsus esset, Corinthi ludum aperuisse, sic ego, sublatis judiciis, amisso regno forensi, ludum quasi habere coeperim (2)».

Noutro logar diz-nos o mesmo auctor que numa occasião em que se celebravam jogos, partiu elle para Tusculum, levando o seu filho para a escola para aprender e não para se divertir, fazendo jogo com os dois sentidos da palavra *ludus*: «Haec scripsi a. d. ix kalend. novembr., quo die ludi committebantur, in Tusculum proficiens, dicensque mecum Cicerenem meum in ludum discendi, non lusionis (3).

Vê-se do seguinte passo que Cicero emprega a expressão fallando de escolas superiores á primaria, como a de Isocrates: «Ecce tibi exortus est Isocrates, magister istorum omnium (varios auctores referidos anteriormente), cuius e ludo tamquam ex equo Troiano meri principes exierunt (4).

Horacio conta que seu pae, apesar de ser apenas proprietario dum pequeno campo, não o quis mandar para a escola de Flavio, a que iam todavia os filhos dos centuriões illustres, com o sacco e as taboas (enceradas), pendentes do braço esquerdo, e onde pagavam (parece) ao mestre, ao fim dos oito meses escolares; o pae do poeta atreveu se a levar este para Roma, a fim de lá estudar as artes que ensinavam a seus filhos os cavalleiros e senadores:

(1) Plauto, *Persa*, II, 1, 6.

(2) Cicero, *ad familiares*, IX, 18. Cfr. Justino, XXI, 5.

(3) Idem, *ad Quinctum fratrem*, III, 4.

(4) Idem, *de Oratore*, II, 22, 94. Cfr. Pseudo-Asconio in Cicero, *Divinatio in Caecil.*, 14, 47 «omnem scholam ludum dixere Romani».

(1) Titio Livio, v, 27.

(2) Idem, vi, 25.

(3) Plutarcho, *Quaest roman.*, 59.

(4) Teuffel, pag. 146, e § 128.



Causa fuit pater his, qui macro pauper agello  
 Noluit in Flavi ludum me mittere, magni  
 Quo pueri magnis e centurionibus orti  
 Laevo suspensi locolus tabulamque lacerto,  
 Ibant octonis referentes idibus aera,  
 Sed puerum est aurus Romam portarem, docendum  
 Artes, quas doceat quivis eques atque senator  
 Semet prognatos (1).

Para evitar toda a confusão, a escola primaria era designada também pelas palavras *ludus litterarius*:

Hodie ire in ludum accepi litterarium,  
 Lysimache, ternas scio jam (2).

Fallando de certos principios muito elementares de grammatica, diz Quintiliano que são proprios da escola elementar e pertencem á sciencia trivial: «Litterarii paene ista sunt ludi et trivalis scientiae» (3).

Póde suppôr se que a escola foi designada primeiramente pela expressão *ludus litterarius*, e que esta se simplificasse depois em *ludus*, mas nada o prova, creio. A palavra grega σχολή, que os romanos adoptaram mais tarde, significava propriamente ocio, repouso; o sentido posterior, que damos ainda ao seu reflexo *escola*, parece indicar que a occupação litteraria foi considerada como um ocio (lembramos os *otia cum dignitate* de Cicero)

O sentido de *ludus* (propriamente jogo, diversão) correspondente ao que ainda damos a *escola*, poderia ser resultante da influencia da palavra grega. Festo explica o emprego que veiu a dar-se á palavra *schola*, dizendo que não vem da ideia de ocio e repouso, mas de que, postas de parte todas as outras occupações, as creanças devem consagrar-se aos estudos liberaes; a palavra *ludus*, naquella mesma significação, serviria para attrahir as creanças, para não as afugentar com algum nome triste, porque em verdade na escola não se brinca: «Scholae dictae sunt, non ab otio ac vacatione omni, sed quod, ceteris rebus omissis, vacare liberalibus studiis pueri debent, ut etiam ludi appellantur, in quibus minime luditur, ne

tristi aliquo nomine fugiant pueri suo fungi munere» (1). A explicação do glossologo latino é evidentemente especiosa.

É certo que a escola romana não podia parecer de modo nenhum ás creanças um logar de jogo, de divertimento. Os castigos corporaes eram alli applicados geralmente com crueldade. Horacio falla-nos do *plagossus Orbilius* (2), seu mestre, esse L. Orbilio Pupillo Beneventano, que Suetonio põe entre os grammaticos illustres, e a que também se referia um verso de Domicio Marso:

Si quos Orbilius ferula scuticaque cecidit (3),

A disciplina escolar devia ter sido muito dura desde os inicios do *ludus litterarius*, em conformidade com o espirito romano. Na Grecia também Menandro, o comico, Chrysippo, o philosopho estoico, e outros, julgaram necessarios os castigos corporaes, como fizera o auctor do Livro da Sabedoria. Quintiliano condemnou, porém, esses castigos (4), que continuaram todavia a ser applicados. Marcial falla das

ferulae., tristes, scepra paedagogorum.

A instrucção primaria, a instrucção dada no *ludus litterarius*, era designada pela expressão *primae litterae*, primeiras letras, como entre nós se diz ainda no mesmo sentido. Essa expressão occorre, por exemplo, num passo do Pseudo-Asconio, que será citado abaixo, e é empregada por Santo Agostinho, que manifesta a repugnancia que lhe inspirou o ensino primario: «Adamaveram enim latinas litteras, non quas primi magistri, sed quas docent qui grammatici vocantur. Nam illas primas ubi legere et scribere et numerare dicitur, non minus onerosas poenalesque habebam, quam omnes graecas» (5).

Tambem ao ensino primario se chamou *litteratura, prima litteratura* (6).

(1) Festo, s. v., *scholae*, ed. O. Müller (Lipsiae, 1839), p. 347.

(2) Horacio, *Epist.*, II, 1, 70.

(3) Suetonio, *de Grammaticis*, 9, etc

(4) Quintiliano, *Institutiones oratoriae*, I, 3. Uma pintura parietal de Pompeia representa uma escola em que se flagella um discipulo.

(5) Agostinho, *Confessiones*, I, 13.

(6) Seneca, *Epist.*, 88, 20.

(1) Horacio, *Satir.*, I, 6.

(2) Plauto, *Mercat.*, II, 2, 32-33.

(3) Quintiliano, *Institutiones oratoriae*, I, 4.



O nome mais frequentemente dado ao mestre primario era *ludimagister*, que se escrevia tambem separadamente *ludi magister* (1). Marcial, referindo-se ao barulho que desde manhã cedo faziam os rapazes na escola (lendo e cantando em côro), diz:

Negant vitam  
Ludimagistri mane, nocte pistores (2).

Fallando do estado de abjecção em que caíra Dionysio, o Moço, exilado em Corintho, escreve Justino: «Novissime ludi magistrum professus pueros in trivio docebat» (3). Noutro auctor lemos: «Magistri ludi dicuntur qui primas litteras docent» (4). Encontramos tambem as designações de *litterarius magister* (5) e *magister litterarum* (6).

Como já vimos, Santo Agostinho chamou *primus magister* ao mestre primario. Doutro lado apparece-nos o termo *litterator*, com a significação de mestre primario, em correspondencia com o grego γραμματιστής, emquanto *litteratus* corresponde a γραμματικός (7).

*Magister* (de *magis*) no seu sentido primitivo e mais geral, era o que ordenava, commandava, dirigia e oppunha-se a *minister* (de *minus*), o que servia, executava ordens recebidas, etc.

Festo diz s. v. *magisterare*, que explica por *moderari*: «Unde magistri non solum doctores artium, sed etiam pagorum, societatum, vicorum, collegiorum, equitum dicuntur; quia omnes hi magis ceteris possunt». Todavia *magisterare* é que deriva de *magister* e não o contrario.

Paulo escreveu: «Quibus praecipua cura rerum incumbit, et qui magis quam ceteri diligentiam et sollicitudinem rebus, quibus praesunt, debent, hi magistri appellantur» (8).

Nada mais absurdo do que pretender

achar na organização das corporações dos officios da idade media, porque tinham um *mestre* (magister) e reuniam numa *schola*, a origem da applicação do termo *magister* ao que ensina, e do de *schola* ao lugar onde se ensina. Um simples lance d'olhos a um dicionario grego e a um latino faria desaparecer a illusão.

O primeiro periodo da educação romana legava ao segundo a instrucção primaria, communicada já na familia, já no *ludus*, como o seu *mestre*, tido em muito pouca conta, e que dava escola nos logares publicos (vid. acima a expressão de Justino: *in trivior*).

## SOBRE LA ENSEÑANZA

DE LA HISTORIA EN LA INSTITUCIÓN (1)

por el profesor D. M. B. Cossío,

Director del Museo Pedagógico Nacional.

Se comienza, como todos los demás estudios, desde el primer grado de la escuela de párvulos. El vivo interés que el niño tiene (aun antes de saber hablar) por *lo que ha pasado*, el *hecho*, y por su *narración*, y el placer tan intenso que encuentra en el *cuento*, indican cuán íntimo le es el sentido histórico y la necesidad de cultivárselo desde muy temprano. El ayer y el hoy, la sucesión, el cambio, y la unión con el pasado, son elementos primordiales en la vida de representación del niño, y hay que preparar á éste racionalmente, desde el principio, para que llegue á descubrir las relaciones de causa á efecto. Semejante preparación es ya una educación histórica.

Comienza esta educación por los mismos caminos por que la humanidad, espontáneamente, y el historiador, en forma reflexiva, han construído la Historia: acudiendo á las fuentes directas y atendiendo primero y durante un largo tiempo solamente al acopio de

(1) Cicero, *De natura deorum*, I, 36, 72, etc. A expressão ocorre na Tabua d'Aljustrel: *Corpus inscriptionum latinarum*, vol. II, *Suppl.* (Berolini, 1892), n.º 5181.

(2) Marcial, XII, 57, 4-5.

(3) Justino, XXI, 5.

(4) Pseudo-Asconio in Cicer., *Divinatio in Caecilium*, 14, 47.

(5) Vopisco, *Pertinax*, 8.

(6) Idem, *Tacit.*, 6.

(7) Apuleu, *Florid.*, c. 20.

(8) Paulo, *Digest.*, I, 16.

(1) Esta nota fué redactada á petición del catedrático de la Universidad de Oviedo, D. R. Altamira, que la inserta en el libro que acaba de publicar bajo el título: *Cuestiones modernas de historia*.—Madrid, Jorro, 1904.



materiales. Ante todo, los de carácter más sensible: objetos, restos de la industria humana, hechos llamativos. Visita á los Museos de antigüedades y de arte, narraciones de historiadores y de viajeros; biografías, fotografías y láminas de objetos, de localidades, de personajes; representaciones de hechos históricos. Para despertar la reflexión y estimular la investigación histórica, ejercicios hechos por los niños sobre recuerdos de su vida, ó la de sus familias, ó sobre acontecimientos que hayan presenciado ú oído referir. Todo ello se verifica, en este primer período, con carácter *insistemático y fragmentario*, sin tratar de descubrir relaciones internas de hechos y cosas, sin atar unos con otros los acontecimientos, sin pretender trazar el menor bosquejo siquiera de cuadros generales de pueblos y épocas, ni mucho menos el enlace de todos ellos en el proceso de la Historia.

Esta, como se ve, tiene desde el comienzo carácter de Historia de la *cultura*. No sólo porque no se reduce á la mera Historia política (que, por el contrario, representa muy poco en este grado); sino porque, ante los objetos y las láminas, base principal por ahora de la enseñanza, se habla más de los *pueblos* que de los *personajes*: de cómo se enterraba á los egipcios; de los dioses y juegos de los griegos; de la conquista y monumentos romanos, etc.; despertando la idea (sin decirlo) de que todo lo que hay se hace *por todos*, y de que el verdadero sujeto de la Historia no es el *héroe*, sino el *pueblo entero*, cuyo trabajo de conjunto produce la civilización.

Al tacto del maestro se encomienda, no sólo la cantidad de contenido, sino el modo especial de proceder en cada caso, dentro de aquel espíritu general. Y á él toca, sobre todo, el escoger las ocasiones y momentos más oportunos para empezar á mostrar relaciones entre hechos y fenómenos, introduciendo así, esporádica é insensiblemente, elementos de orden y de *sistema* en la enseñanza de la Historia.

Para ello, se comienza principalmente por hacer notar aquellos contrastes más salientes que ofrecen entre sí los distintos grados de cultura de los pueblos, muy especialmen-

te, los dos extremos de la serie; observando los rasgos más característicos de *nuestro estado de cultura* en todos los fines humanos (ciencia, arte, religión, política, etc.), paralelamente con los que ofrecen estos mismos fines en los pueblos *salvajes*. Acúdense al propio tiempo á los resultados de la *prehistoria*, para despertar con todo ello la idea del proceso evolutivo de la cultura; la de que toda nueva etapa no se verifica sino sobre antecedentes necesarios que le sirven de base; la de que el progreso no se realiza en línea recta y la de la relatividad del concepto de *civilización*.

Semejante estudio de contraste (en que se gasta mucho tiempo) constituye, en el fondo, el cuadro general, á grandes rasgos, de la *civilización contemporánea*, así como el de los primeros *orígenes de la civilización*. De esta suerte, se procura iniciar el primer ensayo de sistema, abarcando, lo primero y *de una vez*, en unidad, como pide la ley del conocer, todo el proceso histórico comprendido entre sus dos extremos: el *salvajismo* y la cultura *actual*, siendo éste el más vivo, real y perceptible contraste que el niño puede observar de un modo inmediato. La Historia, para él, comienza por ser los esfuerzos que los hombres han hecho para pasar de uno á otro de aquellos dos estados.

Por el mismo principio de contraste, se procura introducir orden y sistema en semejantes esfuerzos; atendiendo, sobre todo, á aquellos elementos que puedan contribuir más á despertar una *imagen* del pueblo ó del momento histórico en la *fantasa* del alumno. Así viene el paralelo entre las dos grandes civilizaciones humanas, por lo que hace al sujeto: la *oriental*, de la raza *amarilla*, y la *occidental*, de la *blanca*.

Y luego, dentro de ésta, se establece la sistematización, fijando igualmente por contraste los dos momentos culminantes que su historia nos ofrece: la civilización *griega* de los siglos v y vi antes de Cristo y la *cristiana* del xiii al xv. Y, como nada habla tanto ni tan directamente á la fantasía como el arte, utilízase éste, muy especialmente el monumental, como *núcleo de concentración* para caracterizar y fijar los distintos períodos históricos. En torno de la Acrópolis de Atenas,



el Partenon y sus esculturas, se agrupa, en este caso, todo el resto de la cultura griega; y alrededor de las catedrales góticas, con sus portadas, y de la pintura gíotesca y pre-rafaelista, el florecimiento de toda la civilización cristiana. Nada entra con tanta fuerza por los ojos, en este grado de la enseñanza, para establecer vivo contraste entre ambas civilizaciones, como el que ofrecen entre sí el templo griego y el ojival, en su aspecto y en sus estructuras radicalmente diversas, y por esto fácilmente inteligibles para el niño; de igual suerte que entre la escultura griega y la pintura cristiana.

Las artes plásticas, sobre todo, parecen la base real, positiva, más accesible al niño, por lo inmediato y corpóreo de su representación, para *atar sistemáticamente* las demás relaciones históricas y para percibir la continuidad de la evolución de la cultura. En el Arte, como en ninguna otra manifestación, puede hacerse sensible al niño que todo cambio tiene sus antecedentes necesarios en lo que le ha precedido; que las ideas mudan más rápidamente que las formas; que el proceso de perfeccionamiento consiste en encontrar formas adecuadas á las ideas; y que en unas y otras queda siempre un fondo sustancial homogéneo con todo lo anterior, aunque las manifestaciones parezcan diversas.

Sobre esta base, el Museo de antigüedades, ordenado históricamente, se utiliza mucho para fijar en la fantasía la sucesión de las distintas civilizaciones. Las orientales, como precedentes necesarios de la griega, con elementos que en ésta culminan y con otros que quedan latentes y que evolucionarán más tarde en la cristiana. Como antecedentes inmediatos de ésta, se encuentran, en Occidente: Roma, los pueblos bárbaros y sus establecimientos, hasta el siglo XI; y en Oriente, la cultura greco-alejandrina, la bizantina y la árabe, con su rama española, hasta la aparición de las naciones modernas y de las lenguas romances. Aplicando el principio del arte monumental como guía: á la arquitectura románica (XI y XII), se ata el período feudal; á la gótica, todo el régimen municipal corporativo, aparición del tercer estado, etc.; al pleno Renacimiento y su evolu-

ción greco-romana y barroca, el régimen de las monarquías absolutas; al neo-clasicismo, el despotismo ilustrado y las revoluciones; á la reacción romántica, las monarquías constitucionales; al arte moderno, con su indecisión y eclecticismo arquitectónicos y sus grandes construcciones de hierro, el régimen democrático y las aspiraciones socialistas y libertarias.

Sirva esto solamente por vía de ejemplo.

Sobre esta base, especialízase luego *gradualmente* en cada curso, aprovechando siempre los materiales indicados. El pormenor político se encomienda principalmente á lecturas individuales, cuando llega la edad conveniente. Las visitas á los Museos se amplían con excursiones á ciudades monumentales é históricas. Se especializa en cursos particulares sobre cada una de las Bellas Artes y sus derivadas. Desde el principio, acompaña siempre á los trabajos el trazado de mapas históricos; los documentos entran aquí igualmente.

#### LOS ANALES DE LA UNIVERSIDAD DE OVIEDO DE 1902 A 1903

por X (1).

Por segunda vez aparecen los *Anales* de esta Universidad, dando cuenta pública de su obra. Su división es semejante á la del volumen I.

Al *Prólogo* del Rector, Sr. Aramburu, siguen el discurso que pronunció en el festival académico de Madrid en 1902, y la descripción de la visita que el Rey y el Príncipe de Asturias hicieron á la Universidad en Agosto del mismo año.

Entrando á continuación en la *Vida interna* de la Escuela, se da idea de los *procedimientos de enseñanza* en algunas cátedras de las Facultades de Ciencias, Filosofía y Letras y Derecho á saber: las prácticas de Mineralogía y Botánica (Sr. Martínez) y las de Zoología (Sr. Rioja); el método seguido en

(1) *Anales de la Universidad de Oviedo*.—Año II.—1901-1903.—Oviedo. Brid; 1904.—1 volumen 8.º VIII + 394 pág.—5 pesetas.

Sobre el vol. I, V. el núm. 507 del *Boletín* (Junio 1902).



el curso preparatorio de Derecho (Sr. Alvarez Amandi), en el de Historia del Derecho español (Sr. Altamira) y en el de Derecho político comparado (Sr. Posada); luego vienen los testimonios que de sus trabajos en clase dan los discípulos: el Sr. Pérez Bances, de Economía; el Sr. Martínez y G. Argüelles, de Hacienda y de Derecho constitucional español; el Sr. Sempere, de Derecho político comparado; el Sr. Buylla, de Derecho civil, y el Sr. Iglesias, de Derecho internacional. Particularmente interesantes son los asuntos de estos trabajos, por su actualidad y vida.

La sección que sigue, se refiere á una de las principales características de aquella Universidad: la *Escuela práctica* de estudios jurídicos, especie de seminario, cuyos experimentos, frutos, tanteos y planes expone el Sr. Posada y de cuya obra deponen dos memorias de sus alumnos: una, sobre los Tratados de España en el siglo XIX (señor Alas); otra sobre el libro de Maroussem, *Les enquêtes* (Sr. Torner), leído en la Escuela como preparación para una monografía sobre el obrero rural asturiano, que completará la del curso anterior sobre el carpintero.

La *Vida exterior* de la Universidad ha sido fecunda en este tiempo. De la parte que tomaron en la Asamblea universitaria de Valencia (1902), sus representantes D. A. Sela y D. Melquiades Alvarez, da cuenta una nota sobre los trabajos de aquel Congreso; el señor Altamira resume su participación en el de Ciencias históricas de Roma (1903); el señor Palacios, primer pensionado que la Universidad ha tenido en el extranjero, publica un capítulo de su Memoria (sobre «Educación social»), que al regresar presentó al Claustro; el Sr. Traviesas, antiguo alumno de Oviedo y pensionado á su vez por la Universidad de Madrid, ha dado á los *Anales* otro sobre Sociología (que fué el asunto de su estudio en los pueblos de lengua latina; el Sr. Buylla, colegial en Bolonia, un informe sobre la enseñanza de la Química en aquella Universidad. Estos trabajos son de interés; algunos lo tienen muy grande; y todos muestran el afán con que cultiva la Escuela de Oviedo su vida de relación, que en este orden es para ella vida de asimilación y nutrición también.

De la *Extensión universitaria*, otra de sus notas, y de las más importantes, no sólo por su desarrollo sino por su cualidad, nos habla el Sr. Sela en sus Memorias sobre los dos cursos de 1901-2 y 1902-3. En el primero de éstos, los trabajos se dividieron en cuatro grupos:

1.º Conferencias en la Universidad, con carácter de cultura general y dirigidas á un público mixto; inauguradas por el Rector, comprendieron, ya series de lecciones, ya lecciones sueltas. Las series fueron: Instituciones históricas asturianas (Sr. Canella); Baudelaire (Sr. Marqués de Valero); Hauptmann (Sr. Altamira). Las segundas, una sobre el Rayo (Sr. Cabañas) y otra sobre la Combustión (Sr. Urios).

2.º Conferencias pedagógicas para los maestros, á cuya obra quiere colaborar singularmente esta Universidad, siguiendo el movimiento iniciado en otros países, donde cada vez se van enlazando con mayor intimidad todas las funciones de la educación y la enseñanza y dislocándose al par las antiguas jerarquías. El Sr. Canella inició este orden de trabajos, tratando de Derecho usual.

3.º Clases especialmente destinadas á los obreros y que son como el germen de la llamada «Universidad popular», que cada año se va delineando en la obra de la de Oviedo. En estas clases, donde fué preciso limitar la matrícula á 50 alumnos, se ensaya una enseñanza familiar, que ponga en comunicación más estrecha y fecunda á maestros y discípulos. Derecho, Economía, Educación cívica, Historia de la civilización, Cosmografía, Ciencias naturales, Lengua y Literatura castellanas, fueron los asuntos confiados á los Sres. Canella, Buylla (D. A. y D. B.), Posada, Jove y Beltrán. Las clases terminaron, como de costumbre, con una reunión familiar en la Universidad, donde obreros y profesores acentúan su solidaridad, con un sentido que el Sr. Sela pone con suma intención de relieve. Vale la pena de trasladar aquí algunas de sus palabras: «Ojalá podamos repetir las (estas reuniones) con frecuencia, mezclando en ellas á las representaciones de todas las clases sociales y procurando que fraternicen con los dignos



obreros manuales, que, tras una jornada fatigosa, vienen á estas aulas á nutrir su inteligencia y fortalecer su voluntad, los estudiantes de profesión, estos obreros cuya jornada legal es tan corta y que suelen andar lejos de todas las empresas en que quisiéramos ver empeñada á la juventud cuantos de veras la amamos.»—«No olvidemos tampoco que á tales fiestas y otras que se organicen (sesiones literarias y musicales) debe concurrir la familia del obrero con nuestra propia familia»...

Complemento de las clases populares fueron las excursiones de obreros al Museo arqueológico, la catedral, las iglesias de Naranco y algunas fábricas, bajo la dirección de los Sres. Redondo, Altamira y Sela.

4.º Lecciones fuera de la Universidad—que es como la extensión se inició en Inglaterra y América.—Los Sres. Posada, Mur, Altamira, Arias de Velasco, Buylla (D. Arturo) y Sela, dieron en el Centro obrero de Oviedo lecciones y cursos sobre la Enseñanza popular, las Corrientes alternativas, el *Quijote*, el Carácter moral de la educación, la Tuberculosis é Historia contemporánea. En otros centros y círculos de Langreo, Gijón, Avilés, Trubia, Mieres, Salinas, casi todos los profesores ya citados, con los Sres. Albornoz, Aparicio, Alvarez Casariego y Crespo, explicaron sobre Historia de España, Cuestiones económicas, Problemas de educación, Instituciones obreras, el *Quijote*, Educación popular, Transformaciones de la energía, Víctor Hugo, Teoría de los explosivos, Filosofía de la Historia y Cooperación.

En la Memoria referente al curso de 1902-1903, da cuenta el Sr. Sela de los trabajos de la extensión en el mismo y de la creación de una Junta local en Gijón, cuyo éxito ha sido grande. El Sr. Rioja explicó en la Universidad su Zoología popular; el Señor Aramburu, unas lecciones sobre D. Agustín Argüelles; el Sr. Posada, tres sobre el Socialismo marxista; el Sr. Altamira continuó las suyas sobre Hauptmann, Ibsen y el Teatro catalán contemporáneo; el Sr. Arias de Velasco dió varias sobre la Religión y el Derecho; el Sr. Fernández (D. M.), tres acerca del Romanticismo; y los Sres. Orueta, Adellác y Acebal, una cada uno, respec-

tivamente, sobre Bacteriología, el Cancionero popular aragonés y el malogrado literato asturiano D. Juan Ochoa.

En los centros de Oviedo, Avilés y Trubia, en el Círculo republicano de Mieres, y muy especialmente en Gijón, los profesores y demás colaboradores citados, cuyo número crece cada día, han dado, ya cursos, más ó menos extensos, ya lecciones y conferencias únicas sobre los Gremios, el Feminismo obrero, los Corales, el Contrato colectivo de trabajo, las Instituciones políticas, el Albañil, las Luchas sociales, el Teatro de Iglesias, el de Shakespeare, la cuestión de Marruecos, los Electroimanes, el Saneamiento urbano, la Química experimental, la Idea de Patria, las Instituciones obreras contemporáneas, los Arácnidos, la Telegrafía sin hilos, el Valor práctico de la cultura, la Historia de España, la Zoología, los Crustáceos, la Costa española del Mediterráneo, Asturias en el siglo XIX, el Presupuesto de Instrucción pública, las Falsas necesidades económicas, la Electricidad, la Literatura catalana, el Derecho internacional, la Historia general, la de España, el Sufragio, la Botánica, la Lengua Castellana, las Instituciones locales, la Economía, la Cosmografía, el Derecho usual, la Química, los Microbios, las Enfermedades infecciosas y la higiene, el Polo Norte, la Energía eléctrica, la Arquitectura, Salamanca, la Respiración, la Atmósfera, las Ciencias médicas y sus similares en el siglo XIX, la Tuberculosis, las Ciencias físicas, la Astronomía...

La extensión iniciada ahora por las Universidades de Valencia, Barcelona y Granada, constituye el asunto de la última parte de la Memoria del Sr. Sela.

La del Sr. Miranda, Secretario de la Junta local de Gijón, es un motivo más de esperanza en este orden de vida y de cultura. Los Sres. Orueta, Meredíz, Adellác, La Torre y el citado Sr. Miranda, á los cuales se unieron luego el Director del Instituto, el Alcalde y los Sres. Belaunde y Escalera, formaron el Comité que ha organizado la extensión de una manera digna de estudio y con el éxito que demuestran las cifras. Las conferencias semanales, en el Instituto, han contado con un promedio de 300 oyentes, entre



ellos muchas señoras; los cursos populares, dados en diferentes centros obreros de la localidad, un promedio de 30 á 80 alumnos. Un rasgo interesante es el de la excursión mixta de obreros y estudiantes del Instituto, á visitar los monumentos de Oviedo.

Para determinar la índole de la verdadera «Universidad popular», cierran esta parte de los *Anales* dos estudios: uno de ellos un nuevo fragmento de la Memoria del Sr. Palacios, donde expone el origen, evolución y carácter de esta clase de instituciones, especialmente en París; el otro, un resumen del Sr. Posada, determinando la naturaleza de la acción propia de la Universidad oficial, para crear la popular, como hija, derivación y radiación suya, así como sus tanteos y sus frutos en esta línea.

En la obra de las *Colonias escolares* de vacaciones, que esta Universidad ha tomado como parte de su función social (caso raro, tal vez único), los Sres. Fandiño y Villaverde, maestros y directores, respectivamente, de las colonias de Oviedo y Laviana, dan cuenta en sendas Memorias de sus campañas: la primera cuenta ya 9 años y ha llevado 141 niños, cuya regeneración detalla con amor; la segunda, en 3 años, 65: todas han ido á la playa de Salinas.

En 1901, crearon los estudiantes de Oviedo su *Unión escolar*, según expone en su nota uno de ellos, el Sr. Mendez Saavedra: conferencias y lecturas, biblioteca y certámenes científico-literarios representan el aspecto intelectual de esta Asociación; un gimnasio, un club de *foot-ball* y otro juegos, el de educación física y recreo.

Concluye este libro con 13 *Apéndices*: 1.º una reimpresión del *Homenaje* que al Conde de Campomanes hizo en 1790 la Universidad (que tanto le debió), con motivo de su nombramiento para el Gobierno del Consejo de Castilla; figurando por cierto entre los festejos la representación de un drama alegórico y una comedia seria, por los catedráticos; 2.º la reseña de la colocación de una lápida en memoria del inolvidable Leopoldo Alas, en la calle que hoy lleva su nombre, y de otra, en la cátedra donde enseñó el gran maestro; 3.º la ponencia del Sr. Sela, sobre «Fin y organización de las Universidades»,

en la Asamblea universitaria de Valencia de 1902; 4.º las conclusiones acerca de este tema, aprobadas por dicha Asamblea y redactadas por los Sres. Torres Campos (D. Manuel) y Sela; así como las referentes á la conveniencia de seleccionar los alumnos á su ingreso en Facultad y á las condiciones de un buen régimen escolar universitario (ponentes, los Sres. Benito y Simonena), á los medios de dar mayor intensidad al trabajo del profesorado en las Universidades—que buena falta hace—(Sres. Unamuno y Traveset) y á las condiciones jurídicas de la libertad de enseñanza (Sres. Olóriz (D. Rafael) y Calvo); 5.º una moción de la Universidad sobre el presupuesto de Instrucción pública, llamando la atención del Gobierno de un modo sumamente preciso y concreto sobre los principales puntos de su reforma; 6.º las comunicaciones relativas al Congreso de Ciencias históricas de Roma de 1903; 7.º la reclamación del Claustro contra la centralización en Madrid de las pensiones de estudios en el extranjero; 8.º el acuerdo sobre la supresión del Instituto de Tapia; 9.º el dictamen de la Facultad de Derecho acerca de la Memoria del Sr. Palacios; 10.º la exposición, antes citada, del libro de Maroussem, que no se pudo incluir en su lugar debido; 11.º el anuncio de los compendios de las conferencias y cursos de la extensión universitaria, utilísima publicación que se vende á un precio ínfimo; 12.º el cuadro de enseñanzas y profesores de la Universidad; 13.º la noticia de las últimas publicaciones de éstos.

## REVISTA DE REVISTAS

ALEMANIA

**Zeitschrift für Schulgesundheitspflege.**

(*Revista de higiene escolar.*—Hamburgo.)

FEBRERO Y MARZO

*Las salas de gimnasia*, por el Dr. Ram-melt.—Es deficiente esta enseñanza, que no tiene sino tres horas semanales; además, insana cuando se practica en locales cerrados, donde el polvo, la escasez de oxígeno y la traspiración evaporada empobrecen la at-



mósfera; sin contar el enfriamiento que puede sobrevenir al permanecer luego el alumno en prolongada quietud. Hay que renunciar á todo lo que no sea ejercitar la gimnasia al aire libre; en el invierno crudo, sustituirla por la patinación.

*Un progreso de la higiene escolar en Noruega*, por el Dr. C. Henie.—Se refiere á la ley de 7 de Junio 1902, sobre la limpieza en las escuelas, que contiene doce reglas ampliando el § 11 de la de 8 Mayo 1900, dictada para adoptar disposiciones contra la tuberculosis. Comprende cuatro puntos esenciales: el referente á los esputos, á la ventilación, á la limpieza diaria de las clases, y á los retretes. La Comisión sanitaria encargada de la ejecución de esta ley, tiene facultades para cerrar todo local en que no se cumplan sus preceptos.

*Una información oficial en Holanda, respecto de los alumnos que padecen vegetaciones adenoides*, por el Dr. M. Mouton.—Se ha encargado á los maestros, por no existir allí inspección sanitaria de las escuelas, observar esta clase de perturbaciones en la cavidad faringo-nasal de los alumnos; se manifiestan por dificultad en la respiración, en la pronunciación, en el oído y en el funcionamiento del cerebro. Todos los años, por el mes de Setiembre, serán reconocidos los niños con arreglo á un cuestionario de ocho preguntas que publica el Consejo de Sanidad, y que se copia en este artículo.

*Necesidad del reconocimiento médico de los niños, tanto de las escuelas como de los demás centros de enseñanza*, por K. Baldrian.—Defiende la intervención del médico especialista, siempre que no le haya escolar; cita el ejemplo de Prusia, que en 1900 creó cursos breves en el Real Instituto de sordomudos de Berlín (también existen en Múnich), para formar médicos de esta especialidad; expone un caso de oftalmía contagiosa, observado en una niña como aislado, que dió lugar después á un examen de todas sus compañeras de escuela, cuya mayor parte padecía igual dolencia, sin haber llamado la atención, y termina dando consejos para prevenirla (en particular sobre el uso de pañuelos, vasos y objetos que pertenezcan á otro niño), y el de llamar al oculista desde luego.

*La desinfección de los libros prestados*, por el Dr. Benda.—En Inglaterra está mandado que las autoridades de policía, una vez declarada cualquier enfermedad contagiosa, prevengan á las bibliotecas de libros circulantes para que desinfecten con formalina aquellos que se devuelvan de sitios donde haya personas atacadas. La Sociedad de Higiene de Budapest propone que se someta tales libros á una corriente de vapor de agua en aparatos al efecto, sin temor al deterioro; esto mismo se practica en Buffalo, con el de formalina, como igualmente en Viena, según disposición oficial de Junio último. El médico alemán Sion halló, el año 1897, gérmenes infecciosos en libros de bibliotecas circulantes y en el papel-moneda, aconsejando que sean esterilizados todos con formalina; y las investigaciones hechas en Berlín con igual objeto, han dado por resultado el trabajo del Dr. Mitulescu «Estudios sobre la etiología de la tuberculosis»; propone que se destruyan los que hayan servido más de tres años, y que en las bibliotecas haya avisos impresos para que no se vuelvan las hojas con los dedos humedecidos de saliva, se laven las manos después de usarlos, etc. De la formalina dice que deben estar expuestos á su vapor, todo un día, los libros para ser desinfectados. En las escuelas es muy fácil la propagación de la escarlatina y de la difteria por este medio; no basta la desinfección general de las habitaciones; la de libros y juguetes debe hacerse por separado.

*Necesidad del médico en la escuela auxiliar y su misión en ella*, por Fr. Frenzel.—Los reglamentos generales para este servicio comprenden tres cuestiones: la higiene externa de la vida escolar (edificio, instalación, material, etc.); la higiene de la enseñanza y la del alumno. Recomiendan que se construyan en sitios no lejanos del centro de población, para evitar la fatiga del camino, pero á la vez despejados y no próximos á grandes fábricas; el régimen de vida, lo más parecido posible al familiar, exige todo esmero, en cuanto al mobiliario, particularmente las mesas, que deben ser adecuadas al cuerpo respectivo, y aun á los defectos físicos del niño. En los libros, objetos de ense-



ñanza intuitiva y aparatos gimnásticos, hay que extremar el cuidado y las precauciones higiénicas corrientes en la escuela ordinaria, en vez de estrado, debe usar el maestro una amplia mesa; del plan y horario de las clases, hará el médico un estudio especial, de acuerdo con el maestro, suprimiendo todo motivo de cansancio y mortificación. En cuanto á la higiene del alumno, interviene por necesidad el médico en la elección de ellos y debe hacer un diagnóstico completo de su estado actual, físico é intelectual, con arreglo á dos extensos cuestionarios que el autor incluye, y cuya contestación formará la base de todos los reconocimientos periódicos sucesivos, y del registro personal de cada niño, que debe acompañarle ya siempre y servir de guía para cualquier circunstancia de su vida, así en casos judiciales ó de índole militar, como principalmente en cuanto á la elección de oficio. Completan la obra del médico las Sociedades benéficas instituídas para auxiliar á esta clase social, una vez terminada la instrucción que es capaz de recibir.

*Sociedades y reuniones.*—El profesor de segunda enseñanza Heusser y la doctora en medicina Hilfer-Schmid, hablaron en la Sociedad Pestalozzi, de Zürich (Noviembre de 1903), sobre el estado actual del problema de la coeducación. En las leyes escolares de Suiza hay diversidad de criterios tocante á su conveniencia, pero ninguna de ellas la prohíbe, y examinando las circunstancias de la enseñanza en lo pasado, convinieron los discursos de ambos oradores en que no han existido razones pedagógicas ni morales para separar ambos sexos. El temor al «surmenage» para la mujer hace más bien que se atenúe un poco el rigor en las clases; y en cuanto los peligros de la convivencia escolar, en cualquiera de sus tres grados, la experiencia ha probado en todas partes que no son mayores, sino al contrario, que en el caso opuesto.—En la asamblea de funcionarios de Sanidad de la provincia de Liegnitz, disertó el Dr. Köhler sobre la dificultad que hay para que los médicos de distrito visiten las escuelas del suyo, además de su obligación para con el vecindario, teniendo que proponer á la superioridad el

plan de visita para cinco años, y al principio de cada uno, el número de escuelas que hayan de visitar, habiendo de adoptar, además, infinidad de disposiciones en caso de enfermedades contagiosas, ó de la construcción de un edificio escolar, y remediar en cualquier caso las deficiencias en cuanto á higiene. Todo ello representa un trabajo que apenas pueden cumplir personas dedicadas sólo á él.

*Varietades y noticias.*—El hecho de que apenas lleguen á la mitad los alumnos que terminan el período escolar en todos sus grados, se explica por los programas excesivos de la enseñanza primaria, por el gran número de alumnos en cada clase, por el cambio de escuelas y, sobre todo, por la diferencia en la capacidad mental de los niños. Esto último no se remedia sino con las clases especiales para los retrasados, que allí donde se han ensayado, á pesar del aumento de presupuesto que significan, han correspondido del todo á la idea á que obedecen. Por eso figura en el próximo Congreso de Nüremberg una sección particular para estas clases especiales (De la *Gaceta de Colonia*).—Con igual criterio, la Unión de maestros de Charlottenburg aprobó las siguientes conclusiones: Para que la mayoría de los niños alcancen la instrucción íntegra primaria, no deben ingresar hasta cumplidos seis años, haciendo más cuidadosa selección de los débiles físicamente; no pasarán de 40 alumnos en cada una de las ocho clases; se disminuirá el número de horas en las tres primeras secciones, y los niños retrasados que tengan probabilidades de poder seguir á los demás, con una preparación aparte, la recibirán en las materias principales.—Es curiosa la comparación hecha por un periódico entre los alumnos de las escuelas de Lille, con respecto al color del pelo; los niños que le tienen castaño y las niñas rubias, de sangre flamenca por lo general, sobresalen en aritmética, pero van más atrasados en composición y tienen menos fantasía que los de pelo negro (celtas ó galos); éstos también ganan á los otros en salud y son más sensibles á la censura y á las alabanzas.—El ministerio francés de Instrucción pública ha ordenado que en todo establecimiento de



enseñanza se lleve registro sanitario de alumnos, profesores y dependientes, que se coloquen por todas partes en el edificio carteles con máximas higiénicas contra la tuberculosis, y que se envíen á los directores instrucciones para combatirla.—En Breslau se ha creado una colonia para dar trabajo de jardinería principalmente, á los niños procedentes de escuelas auxiliares (para atrasados); en ella se da también la enseñanza complementaria que necesiten.—Más de 4.000 francos ha gastado la ciudad de Zúrich en el año último para auxiliar los viajes escolares; y pasaron de 26.000 los invertidos en dar alimento á los escolares pobres. Cuidan mucho, á la vez, del estado sanitario en los jardines de la infancia, haciendo que todos los maestros den parte semanal de las faltas de asistencia de los niños y sus motivos.—El profesor Jaquet, de Basilea, señala como causas principales de cansancio y debilidad en los niños, la costumbre de darles trabajo para hacer en casa los domingos, y el que no duermen bastante.—La nueva ley escolar de New York extiende hasta los catorce años el deber de asistir á las clases primarias y restringe las condiciones en que pueden ser ocupados en otros trabajos los niños menores de 10 años y las niñas antes de los 16.—También tiene Dinamarca desde 1903 una nueva ley de instrucción pública, que permite terminar á los 11 años la primaria, y después de cuatro cursos de la llamada media, pasar al gimnasio, que dura otros cuatro, con tres planes: de lenguas clásicas, con latín y griego; de idiomas modernos sin griego y de matemáticas y ciencias naturales, sin uno ni otro. Todos ellos tienen de común el alemán, francés é inglés; la coeducación se admite en todas las clases; no pueden éstas durar más de treinta horas semanales ni las vacaciones en todo el año, más de 63 días.—El arquitecto H. Werle, proyecta en Berlín una colonia de educación física para personas sanas, que comprenda todos los deportes y juegos conocidos, practicándolos en la forma más conveniente para el desarrollo corporal.—La Comisión de sanidad de Halle, afirma la conveniencia de los baños escolares en todo tiempo, y desvanece las objeciones injustificadas que

contra ellos se presentan, de temor á enfriamientos, contagios, etc., cuidando de que toda instalación se observen las medidas de precaución necesarias.—Comprobado por experiencia que los castigos de prisión á delinquentes escolares, producen efecto contrario al que la corrección se propone, el gobierno de Weimar ha dispuesto que en estos casos las autoridades escolares acudan al jefe del Estado pidiendo el indulto de la pena, su disminución, ó, en vista de las circunstancias respectivas, su aplazamiento hasta observar la conducta ulterior del condenado.—El director Bayr, de Viena, propone que á la admisión de cada alumno primario preceda la respuesta del padre á un extenso cuestionario sobre las condiciones físicas, morales y civiles de aquél.—Dice una Revista rusa que no debe pasar de tres á cuatro horas el trabajo ordinario mental, so pena de sentir al día siguiente los efectos del cansancio; siendo de 22 á 27 horas las destinadas semanalmente á las clases, es un absurdo pretender que además lleve el alumno trabajos á su casa.—Según el médico Bachmann, á los aceites empleados para evitar el polvo en el piso, reemplaza con gran ventaja una preparación de serrín impregnado con aceite común y parafina líquida, agregando un poco de trementina pura, con objeto de esterilizar las sustancias pútridas que se formen en el suelo después de seca la preparación. Basta emplearla dos veces por semana; las barreras recogidas deben quemarse. Varios Gobiernos han recomendado que el barniz para suelos y paredes sea de color claro, para que no haya disminución de luz.—Ha empezado á practicarse en las escuelas de New-York la costumbre de hacer ciertos ejercicios entre una y otra clase, tres veces al día, y de dos minutos de duración, para contrarrestar el efecto de la sedentariedad: tales son respiraciones profundas, movimientos del tronco adelante y atrás, subir y bajar los brazos rápidamente, etc.—El artículo 202 de la ley de ejecución del Código civil de Wurtemberg, que dispone que el Estado asuma la responsabilidad de los actos de sus funcionarios en ejercicio del Poder público, se ha aplicado por un reciente



decreto á los maestros, aunque reservándose el derecho de proceder contra ellos siempre que resulte probada grave negligencia.—En Austria es ya muy frecuente en los muchachos el uso de patines para la nieve; algunas Sociedades los han distribuído á los escolares de la región de Reisingebirge y de este modo aumenta la asistencia á las clases en invierno.—Una Sociedad de Aquisgran, consagrada á la protección del niño, ha destinado 300 marcos para facilitar calzado de fieltro á los pobres durante las horas de clase.—El Gobierno de Düsseldorf propone que los municipios adquieran cantidades de dicho calzado, para prestarlo á los niños, y que cada uno lleve de su casa un par de medias para mudarse al llegar á la escuela.—La ciudad de Hilden ha costeado 350 pares de zapatos de madera para los alumnos de las escuelas municipales que los necesiten.—El Dr. Hoffa, en sus discursos clínicos sobre la escoliosis, atribuye muchos casos de ella al sistema de escritura oblicua.—La diputación escolar del municipio de Berlín, ha empezado á distribuir las tarjetas para los baños de natación y duchas en los cinco establecimientos de la capital, á 5 y 10 céntimos de marco, respectivamente.—En la ciudad de Barmen se ha fundado una Sociedad para fomentar los juegos escolares durante el curso y las vacaciones, con particular intención de atraer á ellos á los jóvenes que salieron ya de la escuela.—La minoría demócrata-socialista del municipio de Spandau, propone la fundación de un sanatorio en la montaña para niños débiles, y para los convalecientes de los asilos de la ciudad.—Los profesores de gimnasia de Berlín han empezado á practicar, de orden gubernativa, una serie de medidas y pesos en todos los alumnos de las escuelas superiores de la capital, habiéndose comprobado, hasta la fecha, que los atrasados mentalmente lo están también en el desarrollo físico. De los 11 á los 14 años suelen superar las alumnas á los alumnos en estatura y peso, por consecuencia de la rapidez de su desarrollo; pero desde los 15 vuelve á predominar el sexo masculino.—Hay que señalar otras dos nuevas Sociedades de higiene escolar; una creada en Hamburgo, principalmente

para el estudio y solución de las cuestiones de esta índole, con aplicación preferente á la capital, y otra en Lübeck con idénticos fines.—En Darmstadt se ha mandado colocar sobre las paredes de las clases carteles con máximas higiénicas que los maestros deben explicar, tratando de que sean comprendidas y practicadas por los alumnos.—En la actual primavera celebran Exposiciones de higiene escolar dos ciudades que han demostrado siempre gran celo por este fin: Königsberg y Düsseldorf; la primera está patrocinada por la «Unión de maestros alemanes», que cuenta más de cien mil miembros.—En una reunión de maestros del cantón de Berna, se acordó declarar un deber serio el estudio del alcoholismo, y la educación de la juventud en la templanza; los libros de lectura en las clases deben ser revisados en este sentido, y las normales interesarse por que los alumnos salgan preparados para sus campañas en la enseñanza.—El último grupo escolar de Berlín (escuela municipal núm. 265) se ha construído en forma de ocho pabellones movibles, colocados alrededor de dos grandes patios; consta de 15 clases con asientos de dos plazas para tres tamaños distintos. Las construcciones y campo anejo ocupan un área de 8.000 metros.—El cantón de Zürich ha creado en su capital un curso breve, de ocho semanas, para maestros y maestras que se dediquen á las clases auxiliares para niños retrasados y débiles. Sólo se admitirán de 15 á 20 matrículas; y al concluir el curso se dará certificado á los que hayan terminado con aprovechamiento.—La excesiva dependencia del maestro, mandada observar en Baviera, durante los juegos escolares, puede perjudicar á la espontaneidad con que deben practicarse; siendo casi preferible el extremo opuesto, ó sea la absoluta libertad para tomar ó no parte en ellos.

*Disposiciones oficiales.*—Circular del Gobierno de Austria—baja dando instrucciones para aplicar las reglas aprobadas contra la tuberculosis (15 Diciembre 1903).—Del Consejo escolar de Viena (9 Noviembre 1903) para que se fijen en todas las escuelas carteles con la prohibición de escupir en el suelo, bajo la multa (á las personas mayores)



de 2 á 200 coronas, ó detención de 6 horas á 14 días.—Del Consejo local del 6.º distrito de la misma capital, excitando la actividad de maestros é inspectores respecto de la vacunación de todos los niños (23 Noviembre 1903).—Del de la capital, dando instrucciones para llevar á efecto las reglas tocante á la limpieza de la boca (16 Diciembre 1903). Del mismo, ampliando instrucciones anteriores, en que se recomienda la mayor precaución para evitar el contagio de la tuberculosis (12 Febrero 1904).—Del gobierno provincial de Colonia, para que los médicos del distrito tomen parte en las conferencias que los maestros celebren en el suyo respectivo (7 Abril 1902).—De los ministerios del Interior, y del Comercio é Industrias prohibiendo emplear tizas de color como material de enseñanza (5 Noviembre 1903).

*Libros nuevos.*—*Escuelas para niños afectados de dolencias nerviosas*, por el Dr. Stadelmann. (En alemán.) Forma el cuaderno 5.º del tomo VI de las monografías publicadas por Ziegler y Ziehen sobre psicología y fisiología pedagógicas; se exponen los peligros del niño nervioso en la vida escolar, y se da un plan completo de educación y enseñanza especiales para él.—*La herencia y su importancia en la pedagogía*, por W. Diecks. (En alemán.) Pertenece á la publicación pedagógica de Bartholomäus y trata de armonizar la teoría de Weismann, según la cual todo el peso de la herencia está contenido en el plasma germinal, siendo muy difíciles de transmitirse las modificaciones adquiridas en la vida, con aquella otra que da tanto valor como á la herencia, á los efectos de una higiene racional y constante, que dirija gradualmente la educación y se proponga atenuar los males de la herencia.—*El cuidado del cuerpo por medio del agua*, por el Doctor Rieder (en alemán). Es el tomo XVIII de la «Biblioteca de higiene», en que se trata científicamente no como panacea empírica, ya pasada de moda, de la importancia del agua, regulador natural del calor orgánico, como el vestido, la casa y la calefacción constituyen el regulador artificial. En el aspecto escolar, son interesantes los capítulos dedicados al baño libre y á las duchas.—*Manual enciclopédico de higiene es-*

*colar*, por R. Wehmer. Viena. (En alemán.) Esta primera parte, redactada en colaboración con varios profesores y científicos, se propone reunir las ventajas de los tratados fundamentales de la higiene, con las propias de una amplia enciclopedia, en que se halla todo cuanto pueda necesitar de pronto el maestro, el médico ó el mero aficionado. En cierto límite, puede decirse que lo han conseguido sus autores.—*Segundo informe acerca de la tarea de los médicos titulares de Brünn como médicos escolares*, por el Dr. Igl. Brünn, 1903 (en alemán). Comprende desde 1.º de Marzo de 1902, hasta igual fecha de 1903; y trata, con cita de disposiciones oficiales, y cuadros estadísticos de las siguientes cuestiones á que han atendido aquellos funcionarios: Higiene del alumno; lucha contra la tuberculosis; cuidado de los niños pobres; enfermedades infecciosas; reconocimiento general del escolar (con pesadas, medidas, etc.) y especial de la vista y el oído; terminando con el resultado de las experiencias sobre iluminación natural y artificial en las clases.—*Reglamentación de los deportes: «¿Y después?»*, por C. Waldo. Chicago, 1903 (en inglés). Es uno de los volúmenes publicados por «The School Review», de la Universidad de Chicago, en que se llama la atención hacia el escaso éxito que han obtenido los esfuerzos, de 1890 acá, por alejar el profesionalismo de los juegos en las escuelas superiores, y el afán exclusivo con que se practican, con perjuicio de los fines de la enseñanza. Recomienda la forma en que juegan los estudiantes de Oxford y de Cambridge.—*Higiene de los nervios y del espíritu en personas sanas y en las enfermas*, por el profesor A. Forel. Stuttgart. (En alemán.) Es el tomo 9.º de la citada Biblioteca de higiene. Explica las enfermedades del sistema nervioso y sus causas; en cuanto á la degeneración actual de nuestra raza, no ve para ella otro remedio que el de renunciar á reproducirse esa mitad próximamente del género humano que no es capaz de dejar por herencia otra cosa que miseria fisiológica y mental.

—  
Sumario de «El médico escolar» anejo á esta Revista: *Los médicos escolares en Alema-*



nia; informe sobre los resultados de un cuestionario dirigido á las grandes ciudades del imperio.—*Varietades y noticias*.—*Libros nuevos*.—*Reglamentos de médicos escolares* (para las ciudades de Maguncia y Deerane).—J. ONTAÑÓN.

## FRANCIA

**Revue Internationale de l'Enseignement.***Paris.*

FEBRERO

*Asamblea general de los profesores de la Universidad de Paris*; discursos de M. Liard, Boutroux, Chaumié. — Es esta la primera de las reuniones generales de los profesores de la Sorbona, organizadas por el Consejo de la Universidad para que se establezcan relaciones periódicas entre los miembros de las distintas Facultades y puedan conocer la vida de la Universidad en su conjunto. El Vice-rector M. Liard expone en su discurso la situación económica de la Sorbona. Ésta cuenta con una renta de 10.575 francos, correspondiente á un capital de 350.000 francos de economía; con la subvención fija del Estado para los gastos de material, que se eleva á 636.202 francos; con los 162.000 francos producto de la renta de los donativos y legados, y de las subvenciones particulares permanentes; y, por último, con el producto de los derechos académicos, que en 1902 se elevaron á 1.194.682,50 francos. Indica á continuación los más importantes donativos hechos á la Sorbona, incluso por la «Sociedad de Amigos de la Universidad de París», indicadores de la atmósfera de simpatía que la envuelve, y que esta última Sociedad con tanto entusiasmo procura fomentar y mantener. — Mr. Boutroux pronunció un profundo discurso acerca de «la misión de la filosofía en el pasado y en el porvenir», atribuyendo á esta ciencia un papel unificador de todas las demás; papel que supone reconocido por la Universidad al designarle á él, profesor de filosofía, para dirigir la palabra á sus compañeros. Esta misión unificadora del saber la ha desempeñado la filosofía en el pasado, y, lejos de desaparecer, se afirma y arraiga más, aunque

con un nuevo sentido, al contacto de las modernas ciencias positivas. — El Ministro de Instrucción pública, M. Chaumié, se limita en su discurso á felicitar á M. Liard y al Consejo de la Universidad por la organización de estas utilísimas reuniones.

*Asociación general de los estudiantes de Paris*, por M. E. André.—Esta Asociación ha celebrado el XXº banquete anual para solemnizar su fundación. En él habló M. Liard, que se declaró partidario de la construcción de viviendas sanas y alegres para los estudiantes, idea acariciada ya por M. Guizot, y que modernamente ha recogido M. Perier. Alrededor de esta idea giraron los demás discursos.

*La educación pública en los Estados Unidos*, por M. Weulersse. — Extracto de un volumen próximo á publicarse en la casa Alcan por los pensionados de la Universidad de París.—El hecho más importante que se observa, lo mismo en la vida social que en la vida escolar norteamericana, es que la Naturaleza las penetra y las envuelve. Rodeadas de jardines están la mayor parte de las escuelas, y en las clases, en la mesa del maestro, en los pupitres de los niños, hay casi siempre flores y plantas con profusión. Con gran entusiasmo se celebra la «Fiesta del árbol», y en el campo se dan, siempre que se puede, la mayor parte de las clases, y con más razón las de ciencias naturales. Casi ningún Centro académico está situado en plena ciudad, y el «campus» es casi el centro de la Universidad: en él se juega, se pasea, se canta, se dan fiestas. Consecuencia de esto y del espíritu general norteamericano, es la atención que se presta á la educación física y al cuidado del cuerpo. Perfectamente higiénicos son todos los edificios, el material de enseñanza y las prácticas y costumbres escolares.—Del trabajo manual se hace un factor poderoso para la educación del cuerpo, y si, por desgracia, se usa quizás más de la gimnasia que de los deportes, hay que reconocer que éstos se cultivan con entusiasmo, y que la gimnasia más en boga es la sueca, la más perfecta sin duda y la que más favorablemente influye en la agilidad, la destreza y la armonía de los movimientos.



*Lección de apertura del curso de lengua y literatura francesa moderna en la Universidad de Groninga*, por M. Pernot.—M. Pernot expone en esta primera conferencia el plan, el método y el programa de estudios que ha desarrollar en las sucesivas para estudiar con detenimiento los orígenes del romanticismo en Francia; para ver cómo durante la segunda mitad del siglo XVIII se forma y se anuncia el movimiento que conduce al *Prólogo de Cronwell*, al drama romántico de Víctor Hugo y de Alejandro Dumas, á la poesía lírica de Musset, de Vigny y de Lamartine. Porque es un hecho ya observado que en los momentos en que el romanticismo estalla, las pasiones románticas no existían ya y es preciso buscar en el período anterior los temas que los novelistas posteriores supieron recoger y desenvolver.

*La Asociación franco-escocesa*, discurso de M. H. Derembourg.—Esta Asociación ha realizado recientemente un viaje al Lanteret, y al pasar por el monumento que conmemora la trágica muerte de Abel Bergaigne, le dedicó M. Hartwig Derembourg un recuerdo indicando los más salientes méritos de este ilustre profesor de sanscrito y profundo investigador de la religión védica.

*Las fundaciones Bischoffsheim*, por M. E. André.—Las «Fundaciones Bischoffsheim» comprenden: 1.º La escuela de trabajo para señoritas, donde se las prepara para futuras maestras, empleadas de comercio y hábiles obreras. 2.º Becas de estudio destinadas á las jóvenes de pocos recursos que manifiestan reales aptitudes para las profesiones liberales.—Esta fundación está reservada á las jóvenes israelitas, pero su espíritu es puramente laico. Desde 1877 está instalada en un local del boulevard Bourdon, que reúne excelentes condiciones pedagógicas é higiénicas. Esta institución, actualmente bajo la dirección de M. Maurice Bloch, asegura á las jóvenes, al mismo tiempo que los conocimientos profesionales que las colocan en estado de ganar su vida dignamente, una enseñanza común (gimnasia, canto, danza, costura, música, inglés y cocina), cuya naturaleza, mitad utilitaria, mitad recreativa, no les sería perjudicial nunca. La duración normal de los cursos es de tres años para las

alumnas de los talleres y del comercio, de cuatro y aun de cinco para las maestras. Durante este tiempo, las alumnas se reparten en las tres clases de profesiones á que pueden aspirar: la enseñanza, el comercio y la administración, y los diversos oficios femeninos (costureras, modistas, etc.)—Por el carácter práctico que da á la preparación de las maestras, no se limita esta institución á ser una escuela profesional, sino que desempeña el papel de una excelente Escuela Normal.—Por una disposición obligatoria de los fundadores, se reservan doce plazas para doce jóvenes escogidas de entre las más inteligentes de las escuelas establecidas en Oriente y fundadas por las escuelas israelitas. Después de conocer la lengua, la literatura, la historia, las costumbres, la civilización francesa, en suma, vuelven á su país de origen para ejercer las funciones de maestras y comunicar á su vez el saber adquirido, extendiendo las ideas francesas.

*Las reformas universitarias*, por Clédát, Desdevises y Rudler.—M. Clédát afirma en una carta que la reorganización de la Escuela Normal Superior, tal como se va á llevar á cabo, perjudica notablemente á las Universidades departamentales. Hasta ahora los 20 mejores alumnos de letras eran absorbidos por la Escuela Normal, y los mejores, después de éstos, atraídos á París por el concurso quedaban allí como estudiantes libres, eran adscritos á la Sorbona como becarios; pero quedaba aún cierto número reducido de buenos estudiantes, aunque fracasados en el concurso, que regresaban á sus Universidades.—Por el decreto de 10 de Noviembre, el número de alumnos de la Escuela Normal, transferidos hoy á la Sorbona, se ha triplicado, y se ha hecho igual, por lo menos, al término medio de las plazas de agregados. Aun suponiendo que se prohíba á los estudiantes libre inscribirse en la Sorbona para la preparación de agregados, siempre resultará que todos los buenos alumnos que antes no entraban en la escuela, tendrán ahora interés capital en entrar, é ingresarán en su mayor parte, y en cambio los estudiantes de la Sorbona que refluyan á las provincias serán los menos buenos de los que las Facultades de



París acaparan ahora, y no conservando ya las provincias ninguno de sus buenos estudiantes actuales.

*La reforma de las agregaciones, la reorganización de la Escuela Normal y las Facultades regionales de letras y de ciencias*, por M. F. Picavet.—Este artículo es, en cierto modo, contestación á la carta anterior de M. Clédat, cuyos argumentos se refutan demostrando, al parecer, que las Universidades de provincia no pierden, antes por el contrario, se benefician, con la reforma de la agregación y de la Escuela Normal Central.

*Análisis y extractos.*—D. BARNÉS.

## SUMARIOS DE REVISTAS PEDAGÓGICAS

### Monatschrift für das Turnwesen.

(Revista mensual de gimnasia.—Berlín.)

#### FEBRERO

La gimnasia en el sistema de los herbartianos (*Neuendorff*). — Moritz Zettler (Biografía) (*Barthels*). — Las batallas con bolas de nieve (*Meyer*). — Heeger, «Muestras de ejercicios libres, á voz de mando, de palo, de maza, de aparatos, etc., para las muchachas». — A. de M. de G. alemanes. — La A. de M. de G. de Leipzig en los años de 1901 á 1903. — A. de M. de G. de Leipzig. — Real Instituto de enseñanza para M. de G. en Berlín. — Los cursos de juego del año 1904. A. de M. de G. de Brandemburgo. — Ejercicios físicos especiales para los niños deformes de pecho y escolióticos en Leipzig. — Los descansos entre las horas de estudio en las escuelas intermedias de Austria. — Inauguración del monumento á la memoria de Euler. — Crónica: Curso para M. de G. en Gotinga. — Inspección de los gimnasios escolares hamburgueses. — Una noticia de un *reporter*. — La responsabilidad del maestro. Revistas. — Nuestra justificación.

### Neue Bahnen.

(Nuevos caminos.—Leipzig.)

#### MARZO

Nuevos caminos en la organización escolar y en la higiene (*Endris*). — Correspondencia de los medios intuitivos y de los ejercicios prácticos en las matemáticas ele-

mentales (*Wagner*). — El individuo y la sociedad (*Munzinger*). — La teoría del plan de estudio. — Los educadores del pueblo. — La enseñanza de la lengua alemana. — Asociación libre de pedagogía filosófica. — Comunicaciones. — Higiene escolar. — Informe bibliográfico de ciencias naturales. — Noticias bibliográficas. — Libros nuevos y revistas. — Notas de libros.

### Revue internationale de pédagogie comparative.—Nantes.

#### MARZO

Los niños anormales y la criminología (*Demoor*). — La debilidad de la infancia (*Leriche*). — El Instituto de ciegos jóvenes, de Dijon (\*\*\*) . — La asistencia familiar de los niños retrasados (*Manheimer Gommès*). — Las escuelas para niños retrasados (*Ley*). — Contribución á la metodología especial (*Daniel*). — La vida, los libros y las revistas (\*\*\*) . — Ortografía simplificada (*Barès*).

### Zeitschrift für Philosophie und Pädagogik.

(Revista de filosofía y pedagogía.—Langensalza.)

#### FEBRERO

La teoría de la causalidad psíquica (*Schmidt*). — El eudemonismo social y la obligación moral (*Burk*). — El positivismo y la pedagogía (*Clemenz*). — Herbart sobre Kant. — La unidad de la educación artística (*Lichtwark*). — Las ilustraciones de fábulas por Meinhold. — La lucha contra la pedagogía herbartiana. — Escuela de perfeccionamiento para muchachas (*Hofmann*). — Curso de vacaciones en Jena. — Una nueva revista para la cultura de los maestros. — Críticas: I) Filosóficas: Lehmann, «Schopenhauer» (*Eisenhofer*). — Bullinger, «El cristianismo á la luz de la filosofía alemana» (*Simon*). — Lentz, «¿Qué es Dios? ¿Qué es nuestra alma? ¿A dónde iremos á vivir?» (*Gloatz*). — Maack, «La sabiduría de las fuerzas del mundo» (*Gloatz*). — II) Pedagógicas: Un manual de diversiones nocturnas para el pueblo (*Menge*). — Bielefeldt, «El maestro elemental prusiano y los empleados subalternos» (*Polz*). — Lindemann, «El local escolar de aspecto artístico» (*Rein*). — Revista de enseñanza del dibujo y del arte. — Prensa filosófica y pedagógica.



## ENCICLOPEDIA

## NOTA SOBRE LA GEOLOGÍA

DE LA PROVINCIA DE SANTANDER (I)

por el Prof. D. Augusto G. de Linares,

Director que fué de la Estación de Biología marina.

Es la provincia de Santander una parte de la vertiente de la cordillera Cantábrica, ó Pirineos occidentales. Si se toma, por ejemplo, una hoja de papel, se dobla por el medio y se coloca derecha, de modo que el pliegue (la cordillera) quede arriba y los bordes abajo, un plano de los dos que formen el ángulo diedro, será la vertiente Sur; el otro la vertiente setentrional, ó sea la provincia de Santander, que aparece como un rectángulo, cuyos lados mayores son la cordillera Cantábrica y la costa, y los menores las cuencas del Agüero, al E., y del Deva, al O. El plano rectangular, que desciende rápidamente desde la cresta al mar, hállese plegado, roto mejor dicho, casi por su línea media, es decir, presenta un pliegue secundario, paralelo al principal, la cordillera del Escudo, que corre también de E. á O., entre la Hermida y el centro de Trasmiera. Pero como el plano de la provincia baja inclinado hacia el mar (prescindiendo del pliegue del Escudo), los ríos que nacen en la cresta de la Cantábrica descienden perpendicularmente á ésta y al mar, formando transversales; y entre unos y otros se alzan las montañas secundarias que constituyen las divisorias, es decir, que separan los cursos abiertos por los ríos en el plano, que primitivamente estaba liso. Ahora bien; los terrenos de este rectángulo se distribuyen así:

I.—Un gran martillo, cuyo mango es la zona de la costa occidental hasta Santander, y cuya cabeza rectangular está representada por la mitad oriental de la provincia, ó sea la

Trasmiera. Todo este martillo es cretáceo; y en su mango se hallan las minas de Reocín, Udías, Florida, etc., alineadas de E. á O., y rellenando grietas de la dolomía (caliza trasformada por la acción de las aguas termales).

II.—El cuadrado restante, que forma casi la totalidad occidental de la provincia, se descompone, á su vez, en otros dos rectángulos. Uno, jurásico casi todo, formado por las cuencas del Saja, Besaya y Nansa; el otro, la cuenca del Deva, carbonífero y subdividido en dos partes: la del N., ó de los Picos de Europa, constituida por calizas carboníferas; la del S., ó la Liébana, por pizarras ó areniscas.

Las dos grandes cordilleras antes citadas son, en parte, triásicas (sin fósiles, pizarras y areniscas rojas ó verdes, conglomerados silíceos, como en el Escudo, en Sejos, etcétera), en parte también, carboníferas: es decir, que se alza la caliza carbonífera sobre las areniscas triásicas y rechaza hacia atrás á éstas, tal como pasa desde Carmona hasta la Hermida en el Escudo, y desde las Caldas hasta Cervera en el mismo. Sucede así también en Sejos, y hay que tenerlo muy en cuenta para conocer el papel que juegan los Picos de Europa en la orografía de la Península.

En efecto, la cordillera Cantábrica está formada por un pliegue, que se conserva íntegro en el punto que se llama Pico Liguarde. Pero, hacia el E. y O., se rompe el pliegue; al E., es decir, en Palombera, ocurre lo que en el Escudo: se quiebran las capas, queda un fragmento elevado que es el que forma la cresta (triásica), y el otro se hunde por delante y forma el valle del Ebro (Soto, Fontibre, Argüeso, etc.)—Este segundo fragmento es jurásico. Hacia el O., en vez de quedar el pliegue íntegro, como en el Pico Liguarde, ó haber falla con hundimiento, como pasa en Palombera, hay sólo gran abertura de las dos ramas ó vertientes del pliegue, las cuales se van separando más y más por el gran desarrollo y altura á que han subido las capas de calizas y pizarras carboníferas al ser empujadas por las fuerzas compresoras; la vertiente septentrional va desde el Pico Liguarde por la peña de

(I) Esta nota fué redactada hace muchos años, expresamente para las excursiones de los alumnos de la *Institución*, que han hecho de ella gran uso, especialmente años atrás, en que eran más frecuentes las expediciones á esa comarca. Recientemente, se publicó en el artículo «Santander» del *Diccionario Enciclopédico Hispano-americano*, de Montaner y Simón, en Barcelona.—(N. de la R.)



Escajos á Tudanca, formando la espalda ó lado N. de Peña Sagra, hasta la Peña de Lebeña; la meridional va por la cara ó lado Sur de Cueto Cordel hasta Peña Labra, donde se forma otro pliegue, que origina lo que ha dado en llamarse cordillera Celtibérica, es decir, la Sierra de Híjar. De modo, que, en realidad, la cordillera Cantábrica (prescindiendo del arranque de la Celtibérica), en vez de formar una cresta lineal desde Pico Liguarde, la forma maciza, es decir: se separan sus dos vertientes, para rellenarse el espacio intermedio con los materiales carboníferos. Los Picos, pues, y las pizarras y areniscas que forman el lado S. de Escajos, Helgueras, etc.; el granito que forma el Cueto de Cuencajén, el núcleo de Cueto Cordel y de Peña Labra, no son más que un gran ensanchamiento progresivo del eje de la cordillera Cantábrica, como bifurcada, mejor dicho, abierta, y separadas más y más sus vertientes por la interposición de los Picos, que sólo son un accidente del núcleo de la cordillera.

### LECTURAS DE HOMERO (1)

por el Prof. D. Rafael Altamira,

Catedrático de la Universidad de Oviedo.

#### I

El nombre de Homero es popular, como el de Cervantes; pero la inmensa mayoría de los que lo pronuncian no saben realmente lo que representa, por no haber leído las obras del gran poeta griego. Y sin embargo, esas obras son dignas de ser conocidas y amadas, no sólo por los eruditos, sino por todos los que sienten el arte y piden á la literatura horas de alto placer espiritual y elementos de cultura; por todos los que buscan en ella, como dice Menéndez y Pelayo refiriéndose á los autores clásicos, recreo del espíritu y satisfacción de una necesidad estética y moral.

Los poemas de Homero abundan en bellezas que el trascurso del tiempo no em-

paña. Es un error creer que los escritores antiguos no ofrecen nada útil ni grande para los lectores modernos: en primer lugar, porque el *alma moderna* difiere menos de la *antigua* de lo que vulgarmente se cree; y en segundo, porque la literatura ha llegado en siglos muy remotos á grados de perfección que no han sido hasta hoy sobrepujados. En opinión de algunos críticos, entre ellos el americano Goldwin Smith, sólo hay en la historia literaria un autor que pueda compararse con Homero en la riqueza de caracteres y la profundidad de observación: Shakespeare. Ya veremos que en la *Iliada* y en la *Odisea* hay pasajes que bien pudieran pasar por obra de los románticos, ó de los escritores de tipo más moderno.

El menosprecio en que hoy tiene la juventud á la literatura clásica, es injusto y peligroso. Tiene su explicación en el abuso que en la enseñanza se ha hecho de un *clasicismo* indigesto, reducido á estudios gramaticales, frío y antipático; pero esto no basta para decidir ligeramente en el pleito de *antiguos* y *modernos*, tantas veces suscitado en la historia literaria. Debe servirnos de ejemplo la opinión de un hombre moderno, si los hay, de Goethe, para quien los griegos representaban la cumbre más elevada del Arte.

Los defensores del clasicismo como elemento de cultura han equivocado su táctica, al confundir su objeto principal con el estudio de los idiomas.

Cabe defender el trato con los grandes escritores griegos y romanos en una enseñanza de cultura general, sin pedir al propio tiempo que los jóvenes consuman años y energías en aprender el griego y el latín: pues, por fortuna, lo sustancial del espíritu clásico y la mayoría de las bellezas de su forma literaria son asequibles por medio de las traducciones. Después de todo, así es como se hace continuamente con las obras modernas escritas en idiomas extraños. Si sólo pudieran conocer á Tolstoy y á Ibsen y recibir la influencia de sus ideas los que saben ruso y noruego, no hubieran estos autores removido el espíritu de todas las generaciones jóvenes de Europa y América. De los clásicos hay ya excelentes traduccio-

(1) Extracto de las conferencias de «Extensión universitaria», dadas por el autor en aquella ciudad, durante el último curso.—(N. de la R.)



nes, que permiten su lectura aprovechada, sin más pérdida que la del ritmo, la armonía, la belleza propia del idioma (musical y sintáctica) y las palabras totalmente intraducibles. Esta seguridad que el lector tiene de enterarse de lo fundamental de un libro mediante su traducción, hace en general posible el comercio intelectual entre los hombres y debe tranquilizar á los que se aparten de leer á Homero porque no saben griego.

El propósito de estas conferencias es poner de relieve las bellezas innumerables de los poemas homéricos—leyendo sus pasajes mejores—é ilustrar y vivificar su sentido por la descripción del medio social en que se produjeron y de los hechos históricos á que aluden ó en que se fundan á través de la leyenda.

Respecto de la *Odisea* y la *Iliada*, hay varios problemas:

1.º *Si existió Homero.*—Lo han negado muchos autores; pero hoy se puede afirmar, por datos irrecusables, que en la isla de Chios existió una familia de poetas, llamada de los Homeridas, cuyo antepasado común llevaba el nombre de *Omeros*. Bien pudo ser éste el Homero de que luego hablaron los historiadores griegos.

2.º *Lugar de redacción de los poemas.*—Debió ser, ó la isla de Chios ó un sitio próximo en el Asia Menor (v. gr. Esmirna). Lo prueban, además del dato antes consignado, la mezcla de idioma eolio y jonio (característico de aquellas comarcas) y el hecho significativo de que el poeta diga, siempre que se refiera á los vientos Norte y Oeste, que soplan de Tracia. La Tracia ocupa, en efecto, geográficamente, respecto de Chios y Esmirna, la posición N. y O. (Goldwin).

3.º *Época de su redacción.*—Herodoto dice que Homero vivió en el siglo IX (antes de J. C.), esto es, hacia el año 850. Los autores modernos difieren algo en este punto; pero en general, colocan la época en que fueron escritos los poemas en los años que median entre fines del siglo X y fines del IX (antes de J. C.). Muchas razones abogan por la exactitud de esta fecha y, principalmente, las alusiones históricas de los poemas y el

estado de civilización que retratan. Croiset distingue tres períodos en la historia griega. 1.º Legendario, que va desde los orígenes á fines del siglo IX. Es el período en que se desenvuelven las civilizaciones llamadas cretense (de la isla de Creta) y miceniana (de Mycenae, en la Argólida). Durante él, los griegos son llamados en conjunto *Aqueos*, que es como los llama el poeta, y la división en dorios, eolios y jonios apenas si se inicia ligeramente.—2.º Período dorio, del siglo VIII ó fines del IX al VI (hegemonía de Esparta).—3.º Atico: siglos VI á IV (predominio de Atenas).—Los poemas homéricos parecen responder al momento de transición del primer período al segundo.—La *Odisea* es algo posterior á la *Iliada*, según la opinión general.

4.º *Composición de los poemas.*—Hay aquí dos cuestiones. La primera es si son del mismo autor. Los más de los críticos modernos se inclinan á creer que no, por las diferencias literarias y de ideas que entre ellos se advierten. La segunda cuestión es si fueron escritos primitivamente tales como hoy los leemos. Hay diversidad de opiniones. La más verosímil parece ser la que supone que hay en los poemas un núcleo primitivo, obra de un solo poeta, aumentado después con adiciones de otros.

La *Iliada* y la *Odisea* se divulgaron pronto por el mundo griego, en boca de los escritores populares (*rapsodas*), quienes los recitaban fragmentariamente. En tiempo de Solón se empezó á reunir los fragmentos y á recomponer la unidad de los poemas. Desde Pisistrato (siglo VI antes de J. C.), se hicieron estudios críticos y se publicaron ediciones completas. Aristóteles escribió sobre los *Problemas homéricos*.

*Odisea.*—El conferenciante empieza por la *Odisea* por ser, como poema más perfecto en conjunto que la *Iliada*, y porque su asunto es más interesante para los hombres de hoy y más conforme con nuestros gustos. En la *Odisea* hay el poema de la vida doméstica y, á la vez, un curioso y ameno libro de viajes y aventuras. Es, además, el poema del Mediterráneo y de la civilización



de su cuenca y, como ya veremos, se refiere, en parte, á España.

Como documento geográfico, ya ensalzaba su exactitud Estrabón. Modernamente, el problema de la *geografía de la Odisea* (particularmente, en cuanto á la determinación de los sitios por donde pasó ó en que estuvo Ulises) ha dado nacimiento á una literatura numerosa. El libro más moderno y el más sugestivo de este carácter es el de Víctor Bérard, titulado *Los fenicios y la Odisea*. Según este autor, la *Odisea* está escrita sobre la base de *peryplos* fenicios y pinta é interpreta, al modo griego (legendario), el Mediterráneo aún fenicio, en vísperas de la sustitución de la hegemonía de este pueblo por la del griego (colonizaciones del siglo VIII; victorias del VII-VI). Se puede interpretar y precisar geográficamente con el estudio topográfico y topológico de las costas y ciudades ribereñas y con las *Instrucciones náuticas*, cuyos avisos se han repetido de generación en generación y de pueblo en pueblo hasta nuestros días. Ejemplo: el pasaje de Escyla y Caribdis.

Con la *Odisea*, pues, se puede reconstruir la geografía política y la historia del Mediterráneo en el siglo IX.

Como muestra de la importancia que tienen este poema y la *Iliada* para los estudios históricos de la antigüedad, pueden citarse, además del libro de Bérard, el de Helbig, *La epopeya homérica* (trad. francesa); el curso del profesor M. Croiset sobre *La civilización homérica* (en París); el artículo de Pohlmann, *La comunidad rural en Homero* (en *Zeitsch. für Social und Wirthschaftsgesch.* Bd. I, 1893) y el de Esmein, *La propiedad territorial en los poemas homéricos* (en *Nouv. revue histor. du droit*, 1900).

## II

La *Odisea* (*Ulisea*, *Uliseida*) toma su nombre del héroe cuyas aventuras canta: Ulises, Odysseos. Es éste un tipo legendario, representativo de la sagacidad, del valor sereno y frío, de la fuerza, de la astucia y, también, del hombre sufrido y probado por la mala fortuna. Su aparición es anterior á Homero, y después de él continuó siendo aprovechado en la literatura griega, aunque sufriendo

modificaciones en punto á varias cualidades de su carácter.

Preséntase la *Odisea* dividida en cantos, libros (Baraibar), ó rapsodias (Leconte). Pero no es esta su división principal; sino la que naturalmente ofrece la misma materia narrada. Bérard distingue tres partes, *Telemaqueia* ó poema de Telémaco, hijo de Ulises (cantos I á IV); *Uliseida*, ó poema de las aventuras de Ulises (V á XV) y *Mnestero-phonia* ó lucha contra los pretendientes (XVI á XXIV).—Croiset propone otra división en dos partes: *antes* y *después* del regreso de Ulises á su patria.

*Elementos del poema*.—Dos cosas, principalmente, pinta la *Odisea*: la vida doméstica griega, la fidelidad conyugal, el amor filial y el amor á la patria, de un lado; de otro, la vida marinera y las costumbres comerciales y piráticas del Mediterráneo en el siglo IX.—Los personajes que en él intervienen son de dos clases: humanos y divinos.

*Humanos*: Ulises; su mujer Penélope, tipo de la fidelidad conyugal y de la mujer de su casa, según el ideal griego; los criados de la casa de Ulises, en particular la nodriza Eúriclea y el porquerizo Eumeo, personajes que completan la pintura de la vida doméstica (representando el tipo, ya casi perdido, del criado que se connaturaliza en la casa y á quien se quiere y considera como si fuese de la familia) y que artísticamente son de lo mejor concebido y expresado por el poeta; Telémaco, carácter algo borroso, quizá por efecto de la edad de transición de la niñez á la juventud, en que se halla; algunos personajes secundarios de un relieve grande y de una exquisita poesía, como la princesa Nausicaa.

*Divinos*: La religión de los griegos era *politeista*, es decir, admitía muchos dioses; era *antropomórfica*, es decir, daba á los dioses figura humana y un espíritu fundamentalmente igual al de los hombres, y admitía su intervención en los asuntos terrestres y hasta su lucha con los mortales. Por esto figuran como personajes de gran importancia en la *Odisea* algunos dioses, cuyos caracteres se irán determinando.—La relación en que se daba la voluntad y poder divinos con la voluntad de los hombres, y el concepto del



destino y la predestinación relativamente al de la libertad humana, no son siempre lo bastante claros para que, desde el punto de vista de nuestras ideas actuales, podamos explicarnos bien el proceso de los hechos (cf. el canto ó libro I, pág. 3 de la traducción española de Baraibar).

*Procedimiento artístico.*—Son de notar en Homero las repeticiones de frases siempre que se presenta un mismo personaje, ó se describe un mismo hecho; v. gr.: respecto de Penélope, de la Aurora, del Sueño... No son *leitmotifs* á la manera wagneriana, ni recursos artísticos al modo de las repeticiones que Zola emplea; sino fórmulas consagradas, que consideraban irreemplazables los poetas primitivos.—También son de notar la precisión de los epítetos con que Homero caracteriza á los personajes y su repetición: Telémaco es llamado varias veces «alma sin freno, arrogante Telémaco;» Ulises es siempre el *cauto*, el *discreto*, etc.

*Telemaqueia.*—Desde el principio del poema aparece la diosa Athenea Pallas, protectora de Ulises y de Telémaco. Esta diosa representa precisamente las cualidades que caracterizan á Ulises: es prudente, sagaz, guerrera con valor ardiente, y á la vez sereno, etc., según el concepto primitivo que de ella tuvieron los griegos. Luego, viene á significar la sabiduría, más concretamente. No debe confundírsela con Minerva, diosa romana que responde á otra concepción.—A notar, desde los primeros versos, frases expresivas del amor á la patria y de la vida pastoril y tranquila.

El epíteto que Homero aplica á Athenea se ha traducido de distintos modos: diosa de los ojos verdes, cerúleos, brillantes, claros, etcétera. Lo más propio parece ser «ojos de mochuelo», que brillan en la oscuridad. El mochuelo fué ave consagrada á Athenea. Esta diosa fué, en un principio, representación del cielo luminoso, del éter resplandeciente.

(El conferenciante leyó los pasajes más salientes de los cantos I, II y III: aparición de Athenea disfrazada en el palacio de Itaca; banquete de los pretendientes; presentación de Penélope; la nodriza Euriclea y Telémaco (detalles de la vida doméstica griega);

el velo ó tela de Penélope; la preparación del viaje de Telémaco en busca de su padre y la navegación; la hospitalidad dada á Telémaco en Pilos; el ruego de Nestor á Athenea; el consejo por la mañana y el sacrificio á los dioses. A la lectura acompañaron las explicaciones necesarias respecto de las ideas y costumbres que va expresando y describiendo el poeta (1).

Para fijar los lugares de la acción y el recorrido de Telémaco, se utilizó un mapa mural en colores, expresamente dibujado por el Sr. Redondo (D. Inocencio) para este fin.)

### III

La *Telemaqueia*, examinada casi totalmente en la conferencia anterior, sirve para exponer de un modo hábil el argumento, preparando y excitando la curiosidad de los lectores para conocer las aventuras de Ulises.

El libro ó rapsodia IV está dedicado, en su primera parte, á narrar la visita de Telémaco al palacio de Menelao, en Esparta. Comienza por un cuadro—repetido muchas veces en la *Odisea*, pero interesante siempre—de la hospitalidad griega y sus ceremonias. Son pasajes dignos de notarse: la aparición de Elena, el referente á Proteo, y el de las preguntas de Telémaco sobre el paradero de su padre.—El poeta vuelve, después de esto, á Itaca, para dar cuenta de la traición que los pretendientes preparan, con ánimo de dar muerte á Telémaco. El pasaje en que expresa el dolor de Penélope al saber el peligro que á su hijo amenaza, es sumamente bello y puede servir de ejemplo de la psicología en acción que caracteriza el arte homérico, sobrio en el análisis, pero altamente expresivo y vívido. Aunque Bérard da por terminada aquí la *Telemaqueia*, en rigor, ésta se reanuda en el canto XV.

En el V, empieza la *Odisea*, pero no con la primera aventura del héroe, sino con una de las últimas, es decir, la que se correspon-

(1) La lectura fué hecha conforme á la traducción castellana de Baraibar (Madrid, 1886, 2 volúmenes), corregida según las variantes de Leconte y Croiset.



de cronológicamente con el momento en que termina la rapsodia IV.

Ulises se halla en la isla de Ogygia ó de Calipso, cuya situación no han podido fijar satisfactoriamente los comentaristas. Calipso es una personificación mítica, probablemente, de la soledad silenciosa de la alta mar, y forma parte de un grupo de dioses análogos (Proteo, Atlas, etc.). Episodios ó pasajes interesantes y particularmente bellos de este canto son: la marcha de Hermes sobre las aguas; la melancolía de Ulises; la construcción de la balsa; la tempestad y los titánicos esfuerzos del héroe por llegar á tierra.

El canto VI refiere el arribo de Ulises á la isla de los Feacios ó Pheakios (que algunos suponen sea la de Corfú, aunque se oponen á ello otros datos del poema) y su encuentro con la princesita Nausicaa. A notar: el tipo de «mujer hacendosa» de la princesa; el cuadro de familia del palacio de Alcino; la invocación de Ulises á Nausicaa y la prudente conducta de ésta al conducir al náufrago á la villa.

La rapsodia VII refiere el acogimiento de Ulises en el palacio de Alcino. En ella se acentúa el «feminismo» de Homero, cuyos tipos de mujer son, siempre, de una gran discreción y encanto. Ofrece también esta rapsodia uno de los cuadros más completos de la vida doméstica griega, y, en general, de los caracteres de aquella civilización esencialmente pecuaria, marinera, rica en metales preciosos y cuyo metal útil preferente es aún el bronce.

La rapsodia VIII completa esta pintura con el relato y descripción del consejo público en el agora; la presencia del aeda ciego, los juegos ó ejercicios físicos de la juventud, los bailes, etc. Los cantos del aeda, referentes á la guerra de Troya, despiertan dolorosos recuerdos en Ulises, y dan motivo y preparación á que el héroe cuente sus aventuras.

#### IV

En la rapsodia IV comienza Ulises á contar sus aventuras, desde la terminación de la guerra de Troya. Su itinerario (marcado en los mapas murales que se han trazado

exprofeso para las conferencias) es como sigue: de Troya á la Tracia; de Tracia á la isla de Cytheres; de ésta, al país de los Lotófagos ó comedores de loto (Sirte, en la costa N. de Africa); luego, á la isla de los Cíclopes. Desembarca, frente á ella, en la isla de Egusa, y de ésta se dirige á visitar la tierra de los Cíclopes (Sicilia). La significación de estos seres, gigantescos y monstruosos, varía mucho en los autores y las leyendas de Grecia. Para Hesiodo, eran Titanes, hijos de Uranos (el cielo) y Ge (la tierra), genios del fuego y de las tempestades, en número de tres, y forjadores del rayo y los truenos de Zeus. Una tradición, probablemente contemporánea de los primeros establecimientos griegos en Sicilia, los hace herreros forjadores, que habitan el Etna y otros volcanes, genios de la metalurgia, cuyo número ha aumentado considerablemente. Para Homero, son pastores salvajes, antropófagos, habitantes de Sicilia. En esto último coincide con Tucídides. —Se les ha solido representar en forma gigantesca y con un solo ojo en la frente, circunstancia que se ha traducido como expresiva de la lámpara con que los mineros entraban en las explotaciones subterráneas; pero hay otras muchas divinidades y entidades fabulosas de la antigüedad (los Cabiros, verbigracia) que también se representaban con un ojo en la frente. Respecto de la etimología del nombre Cíclopes, los autores se muestran indecisos. Las pinturas griegas, etruscas y romanas que se refieren á los Cíclopes, no siempre los figuran monstruosos, sino normales, aunque más ó menos gigantescos.

Los pasajes más interesantes de este canto son: descripción de la gruta del cíclope Polifemo; llegada de éste y su conducta feroz con los compañeros de Ulises; astucia del héroe para embriagar á Polifemo, vaciarle el ojo y huir de la gruta; desaffo de Ulises al cíclope y plegaria de éste á su padre Poseidon, dios del mar.

En la rapsodia X, sigue Ulises contando cómo desde Sicilia fueron á Eolia (islas de Lipari), donde Eolo les entrega el odre de los vientos, y luego á Telepino, lugar de los Lestrigones, quienes, según Tucídides, eran



habitantes de Sicilia, y según varios comentaristas de Homero, vivían en Formias (Campania). Los Lestrigones, antropófagos, destruyen todos los buques griegos, menos el que ocupaba Ulises. Este se dirige á la isla ó promontorio de Kirke ó Circe, mágica ó encantadora que los helenos creían habitadora de la Tirrenia (Italia), y que en Hesiodo representa el lazo de unión entre griegos y latinos, como madre de *Latinus*, engendrado por Ulises ó Telémaco. Circe encanta á varios compañeros del héroe; pero éste la vence, ayudado por Hermes, y se queda á vivir con ella durante un año. Circe le aconseja que, antes de regresar á Itaca, visite el Orco ó mansión de los muertos (el reino de Aidés y Persephoneia), para consultar al adivino Tiresias.

El canto XI está dedicado á esa visita, y se distingue por su carácter sombrío, que contrasta con lo demás de la *Odisea*. Prelude las visiones de Dante en el *Infierno* y el *Purgatorio* de su *Divina Comedia*. El pasaje en que se muestra á Ulises la sombra de su madre, es de exquisita ternura. Tiene interés, también, lo que Agamenón dice de las mujeres.

En la rapsodia XII se cuenta cómo Ulises vuelve á la mansión de Circe y los consejos que ésta le da acerca del modo de librarse de las Sirenas y de Escyla y Caribdis. Estos dos monstruos no son más que la representación mítica de los peligros que ofrece el paso del estrecho entre Sicilia é Italia. Bérard lo prueba claramente, confrontando el texto de Homero con las *Instrucciones náuticas*.

Ulises y sus compañeros desembarcan en Trinacria (Sicilia) y, contra los consejos de aquél, se apoderan de las vacas de Helios (el Sol). Son castigados con una terrible tormenta, en que perecen todos los griegos, menos Ulises, el cual es llevado á la isla de Ogygia, enlazándose así el relato con lo dicho en la rapsodia V.

La XIII refiere la vuelta del héroe á Itaca, conducido por los Feacios. Se le aparece Palas y, después de darle instrucciones sobre lo que debe hacer, lo convierte en un viejo mendigo, para que no lo conozcan en su palacio. A notar, la salutación de Ulises á su patria.

El canto XIV pinta la llegada del héroe á la choza del porquerizo Eumaios, la fidelidad de éste y las riquezas pecuarias de Ulises, quien, á través de aventuras inventadas, va deslizándose la idea de su posible regreso á Itaca.

El canto XV, reanudando la *Telemaqueia*, explica cómo Telémaco, avisado por Palas, regresa á su isla burlando la vigilancia de los pretendientes, y se dirige á la choza de Eumaios. La narración que éste hace á Ulises, acerca de su vida antes de ser porquerizo, es sumamente importante desde el punto de vista de la historia y las costumbres de los feacios y los griegos.

## V

Con el canto ó rapsodia XVI comienza la parte que Bérard llama *Mnesterophonia* ó «Lucha contra los pretendientes».

Las notas psicológicas que más sobresalen en ella son el amor conyugal (Ulises y Penélope), la venganza y los sentimientos de afecto y de respeto que unen á los individuos todos de la comunidad doméstica.

Con la llegada de Telémaco á la choza del porquerizo Eumaios, empieza Homero á pintar el profundo cariño que los viejos servidores tenían á su príncipe y al rey, cuya muerte lloraban. Es de advertir la sobriedad y honda ternura de la escena del reconocimiento entre padre é hijo. Traman éstos las líneas generales de su plan contra los pretendientes.

Rapsodia XVII. Telémaco, sin dar á entender á Eumaios quién es el mendigo, regresa á la ciudad. Escena con su madre. Llegada de Ulises, disfrazado de pordiosero. Descripción del palacio. Episodio del perro Argos, el único sér que reconoce á Ulises espontáneamente. Nótese lo repetidamente que Homero da entrada en sus poemas á los animales y cómo aprecia siempre sus buenas condiciones. Recuerda la *ménagerie* que se ha echado en cara á Wagner; aunque en éste responde á otro sentido. — Entrada en el palacio; Antinóo trata mal á Ulises, hiriéndole con un banquillo, cosa que produce mal efecto, porque quebranta los deberes de la hospitalidad. Penélope manda llamar al mendigo, para saber de él noticias.



El estornudo de Telémaco, como buen augurio.

El canto XVIII no tiene de notable más que la primera manifestación de la fuerza de Ulises en su lucha con Iro, y la aparición de Penélope en la sala (análoga á la del canto I). Señálase el pasaje referente al alumbrado del salón.

Cantos XIX y XX. Están íntimamente enlazados, siendo su asunto la entrevista de los dos esposos, sin que Ulises se dé á conocer, y las consecuencias de ella en el ánimo de ambos. Penélope baja al salón (*megaros*) para hablar á solas con el falso mendigo. La vieja criada, Euriclea, reconoce á Ulises por una herida que éste tiene en una pierna; pero Ulises le manda que calle. Interés dramático creciente de la conversación con Penélope. Ulises, inventando hechos, va inclinando el espíritu de su mujer á que sospeche la verdad. Penélope indica la idea del certamen que piensa proponer á los pretendientes, y que será la ocasión de la venganza de Ulises. Al marcharse Penélope y quedar solo el héroe, el drama se desdobra y adquiere una intensidad psicológica de gran hermosura. Ulises oye desde el salón los sollozos de su mujer, á quien desea ardentemente descubrirse; se impacienta porque llegue el día; tiembla ante la duda de si vencerá, y ruega á los dioses que le concedan la victoria. En Penélope se inicia el presentimiento de que Ulises viene, y también anhela que se cumpla. Es digno de señalarse el parecido de esta escena con una de la tercera serie de los *Episodios Nacionales*, en cuanto á la situación psicológica, y, más bien, al modo de expresarla el escritor.

En el canto XXI se describe el certamen. Penélope hace traer el arco de su marido. Mientras lo preparan con sebo, Ulises se descubre á Eumaios y á un boyero fiel. Ulises es el único que consigue tender el arco y disparar la flecha. — En el XXII, se relata el combate del héroe, su hijo y los dos criados, contra los pretendientes. Es un trozo de una energía y de una fiereza, que estremecen. Muertos todos los enemigos, menos dos, Ulises llama á Euriclea para que haga lavar la sangre. Venganza terrible contra las criadas que fueron infieles y el pastor Melánteo,

que también lo fué. — Comparación con el combate de *Los Nibelungos*.

Rapsodia XXIII. — Dedicada al reconocimiento de Ulises por Penélope. Cómo se sostiene hasta el final la prudencia recelosa de ésta. Ingeniosidad de la conversación entre ambos, y cómo se trasparenta en ella la pasión que sienten. Opiniones de Croiset sobre esta rapsodia.

XXIV y última. — Poco interesante. A notar tan sólo, la escena entre Ulises y su padre Laertes. — El combate entre los parientes y partidarios de los pretendientes muertos y Ulises, termina en concordia, por la intervención de Palas Athenea.

---

## INSTITUCION

---

### LIBROS RECIBIDOS

Puigdollers y Maciá (José). — *Escuela naval de comercio*. — Barcelona, Tipografía «La Académica». — Don. del autor.

Güell (D. Juan Antonio). — *Notas pedagógicas y proyecto de una Escuela Naval de Comercio. Estudio presentado al primer Congreso Universitario catalán. Nueva edición*. — Barcelona, Tipografía «La Académica, 1904. Don. del id.

*Recuerdo de la Fiesta Nacional. 3 de Abril de 1904*. — Dos ejemplares. — Madrid. Establecimiento tipográfico «El Trabajo», 1904. Don. de D. A. Tovar.

Hernández Pacheco y Esteban (D. Eduardo). — *Memoria leída en la solemne apertura del curso de 1903 á 1904, del Instituto General y Técnico de Córdoba*. — Córdoba, Establecimiento tipográfico «La Puritana», 1904. Don. del autor.

Díaz (Doctora Eloisa). — *Disquisiciones sobre Higiene escolar en Chile*. — Santiago de Chile, Imprenta Nacional, 1904. — Don. de la autora.

Guichot (Alejandro). — *Notas bibliográficas de las obras literarias y gráficas de Don Joaquín Guichot y Parody*. — Sevilla, Imp. de «El Mercantil Sevillano», 1904. — Donativo del autor.

---

Madrid. — Imp. de Ricardo Rojas, Campomanes, 8.  
Teléfono 316.